POESIAS

DE

FRANCISCO MANOEL GOMES
DA SILVEIRA MALHAÕ

OFFERECIDAS

A SEUS AMIGOS DE TODA A ORDEM,

PUBLICADAS

POR JOAÕ NUNES ESTEVES.

LISBOA

ANNO M. DCCCII.

Na Offic. Patr. de Joaõ Procopio Correa da Silva.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

LEITOR AMIGO.

SE alguma censura te merecer este meu derradeiro arrojo, naõ ralhes de mim; crimina-te à ti mesmo, e aos outros Amigos, que naõ descançáraõ, em quanto naõ víraõ organisado este quarto Volume, de minhas taes e quaes Poesias.

Tambem te assevero ser este o ultimo assalto, que dou á tua generosidade, pelo meio da Imprensa; já naõ sinto o prazer que achava, na convivencia das Musas.

Naõ se ajusta bem com o som da Lyra, o estrepito do fôro, a Leitura de Juris-Consultos, e a gritaria dos rapazes: isto espanca a Musa mais go-

losa, e destempera primas, e bordões: donde veio dizer o Author do Palito Metrico: *Faltat enim Musa, quando pachorra deest.*

Pesso-te indulgencia; e que naõ lastimes a costumada contribuiçaõ, com hum Amigo, que ao mesmo tempo que te visita, de caminho te faz cortezia, e te articula hum

Vale.

POE-

POESIAS
DE
MALHAÕ.

SONETO EM PROLOGO.

(teiro
DEpois de expôr em prósa ao mundo in-
Huma vida, por elle mal passada;
De novo tórno á gente descuidada
Em verso sério, e verso presanteiro.
Timbres de grato, minguas de dinheiro,
Naõ deixaõ minha Musa estar caláda,
E as súpplicas, que fiz á gente honrada,
Vaõ a todos, por mãos do meu Livreiro.
Huma banca he mesquinha cá n'aldêa;
O trabalho he demais; a paga he menos;
E apenas deixa andar a pança chêa: (nos;
Pois deste ar, busquem-se ares mais sere-
Vejamos, se dest'arte se grangêa
Hum'ajuda de custo aos meus pequenos.

A

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR

MARQUEZ DAS MINAS.

EM AGRADECIMENTO

CANÇAÕ HEROICA.

MArquez, gloria dos Teus, honra do (Estado,
Se huma vez penetrando, quanto avessa
Me tem ventura olhado,
Por mim te decidiste naõ pedido,
As mãos beijar-te venho
Avarento de ser agradecido.

Es-

Estranho me naõ foi, que largamente
Dispendesses comigo: immensas vezes,
Ouvido tenho á gente,
A cópia de favores, que repartes
Aos Genios, que veneras,
Sublime animador das bellas Artes!

Q'huma alma ceda aos ais, s'incline ao rogo
Do pálido indigente, pouco espanta,
Q'o ferro cede ao fogo!
A graça anticipar-lhe em Ti só vejo,
Em Ti, que em tudo Grande
Té poupas, de pedir, o susto e pejo.

Ainda que de Reis o Sangue Augusto
Nas tuas leaes veias naõ pulsára,
E o braço teu robusto
Pela gloria da Patria naõ s'erguesse,
Só nisto merecias,
Q'eterno monumento se te erguesse.

Naõ fez Roma sómente respeitavel
O Nome dos Heróes, da morte armados,
No bronze preduravel :
Rindo se observaõ dos voraces annos,
No antigo Capitolio
As Estatuas dos Titos, e Trajanos.

Já mais fará guerreiro enthusiasmo,
Q'o feliz honrador da humanidade
Naõ leve o nosso pasmo :
Se hum Cezar rege o carro da Victoria,
Hum Marco vai tranquilo
Assentar-se no Templo da Memoria.

Em tudo Grande, escutas o pequeno,
C'os Reis hombreas, sem mudar no rosto
Aquelle olhar sereno,
Q'he fiel mostrador, próva sobeja,
D'huma Alma, que naõ cede
Ao poder da Soberba, nem da Inveja.

Que

Que Varaõ (sem lisonja mentirosa)
Té hoje produzio o mundo inteiro,
Na classe perigosa
D'aquelles, que dos Reis cercaõ os lados,
Que, sopessando a intriga,
Abrangesse Valído a tres Reinados?

Tal he, Grande Marquez, toda a justiça
Da tua Alma, onde nunca fez morada
Vaidade, nem cobiça;
A tua Alma do Throno dimanada,
Por Lei, que Sceptro inspira,
Costumou-se a dar tudo, a pedir nada.

Tu sabes o que he sólido na terra:
Naõ próvas teu prazer em dar fadiga
No plano, ou n'alta serra;
De mastins rodeado, á féra brava,
Q'aos bosques se concentra,
Onde a proprio suor o ninho escava.

Naõ te encanta subir lazaõ brioso,
E prostrar, pelo jugo atravessado,
O touro furioso;
E mestre d'arte, bem logrando manhas,
Abrir-lhe á dura espada (nhas.
Caminho ao sangue, e espuma das entra-

Vasios de Crédores consternados
Se encontraõ teus umbraes, já mais te nega
A voz dos teus criados:
Occupaõ tua vasta galeria,
Aquelles, que proteges,
E vês cheio d'amor, e d'alegria.

E entre estes venho desfructar de novo
Aquelle abrigo, proprio da Grande Alma,
Q'em Ti se observa, e lovo.
Grato venho, Senhor, ao bem, de que usas:
Naõ pesso graça alguma,
Que Tu para as fazer meu rogo escusas.

Por

Por este raro, pouco usado trilho,
Mais nome ganhas, q'em nascer no mundo
De Netos de Reis filho;
He este o portentoso monumento,
Q'ha de fazer teu Nome,
Zombar da morte, rir do esquecimento.

Cançaõ; pódes bradar, q'eu sou ditoso,
Depois, que em meu amparo
Vejo erguido este braço generoso.

AO

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR

D. DIOGO DE NORONHA,

HOJE CONDE DE VILLAVERDE.

EM AGRADECIMENTO.

VEnho a teus pés confundido,
Noronha, as graças render
D'aquelle favor subido,
Que me quizestes fazer,
Sem precisaõ de pedido.

Este he d'aquelles favores,
Que poucos usaõ prestar,
Pois ha certos protectores,
Que fazem bem por comprar
Em conta, graças maiores.

Mas

Mas quando me dás a mim;
Logo reluz a certeza
D'independencia do fim;
Sem que possa tal fineza
Ter quebra em lingua ruim.

Naõ sou arvore viçosa,
Que possa no fructo meu
Compensar a maõ piedosa,
Que frescas aguas me deu
Pela estaçaõ calorosa.

Naõ terreno cultivado,
Que pague aquelles suóres,
Com que pelo tempo azado
Foi por mestres lavradores
Da aveia, e joio catado.

Aquelle bem, que me he feito,
Naõ póde soffrer a nota
Do mais pequeno defeito,
Por isso raizes brota,
Que nunca seccaõ no peito.

Nem Tu podias, Senhor,
Prestar o teu valimento,
Senaõ de méro favor,
Seja por teu nascimento,
Ou por principio melhor.

Tu, em tudo, igual aos Teus,
Imitas, com dó profundo,
Os justos dictames seus;
Pois vês, que os Grandes no mundo
Saõ Commissarios de Deos.

Nem melhor occasiaõ
Tem na terra as Grandes Almas,
Para colherem á maõ
Aquellas viçosas palmas
Das florestas de Siaõ.

Quem exerce a Caridade,
Das virtudes a mais nobre,
He honra da humanidade:
E até nelle se descobre
Naõ sei que de Divindade.

O home'aos outros igual,
Na ordem da natureza,
Dos Deoses se faz rival;
E com piedosa Grandeza
Torna seu nome immortal.

As-

Assim Tu, que tens no peito
Alma propria do teu ser,
Depois do corpo desfeito,
A sempre entre nós viver,
Tens recobrado direito.

Ou seja á Patria servindo,
Nas incumbencias do Estado,
Por seu descanço punindo;
Ou a qualquer desgraçado,
Na feia urgencia acudindo.

Naõ penses, que lisonjeiro
A' penna lancei a maõ:
Blasono de verdadeiro,
E esta mesma confissaõ
Faz de ti o Reino inteiro.

Todos sabem, que honra, e zelo
Empenhastes pelo bem....
Mas eu naõ devo dize-lo;
Agora só me convem
Confessa-lo, e agradece-lo.

Nem aquelle, que he geral
Nos meus hombros tomar devo;
Apenas Vate boçal,
A teus pés humilde chego,
E beijo a Maõ liberal.

Porque outra cousa naõ resta
A qualquer, que nada póde,
Mais que fazer manifesta
A Maõ, que por elle acóde,
E que se occulta modesta.

AO ILL.^MO E EX.^MO SENHOR

PRINCIPAL CASTRO.

MEu Cómpadre, o teu Compadre,
Ha doze Luas, ou mais,
Nem tem a dita de vêr-te,
Nem sabe como Tu vais.

Agora, que alguns negocios,
E d'alta ponderaçaõ,
Deraõ com elle em Lisbôa,
Vem á sua obrigaçaõ.

Vem

Vem buscar-te, e chega em versos,
Que taes quejandos lerás,
Cortados pela bitola
Da prosa dos Provarás.

Nelles se conta hum'historia,
Naõ das civís de Granada;
He moderna, he verdadeira,
Escrita em frase lavrada.

Toma sentido, Senhor,
E verás no fim de tudo,
Q'inda q'a frase graceje,
Seu argumento he sisudo.

Era huma vez hum Malhaõ,
Estudante aventureiro,
Tanto farto de feiçaõ,
Quanto falto de dinheiro.

Este, sem ter hum real,
Pisou os frios Geraes;
Comeo, bebeo, cerceando
O Patrimonio dos mais.

Achou no claro Mondego
Hum largo, e constante abrigo,
Por amigos tendo a todos,
E de todos sendo amigo.

E finalmente depois
De brincar co'as tripas fartas,
Entrou na Patria vaidoso
C'o sello das suas Cartas.

Poz Banca, deo-se á defeza
Dos opprimidos Clientes,
Q'inda c'o furto nas mãos,
Juraõ, q'estaõ innocentes.

N'hum escriptorio adornado
De Praxitas d'alto bordo ;
Muito papel em magotes ,
E hum Codigo velho , e gordo.

Naõ teve pejo Cupido
De entrar com móças de páo ;
E quando o julgava menos ,
Fez-me amante menos máo.

Casei-me em fim , e forçoso
Foi á minha obrigaçaõ ,
Por aquelles meios justos
De dar de mim hum Malhaõ.

Cumprio-se isto a tempo azado ,
Contra o costume da terra ,
Pois lá , quando o nó se aperta ,
Já no berço o filho berra.

Mas, Senhor, quando cahio
Aos pés da Mãi a pessoa,
Esperando-se hum Malhaõ,
Achamos huma Malhoa.

Pegando-lhe de contente,
Naõ podia em mim caber,
Vendo-me Pai da menina,
Sem escrupulos de o ser.

Eu disse entaõ para ella:
Ainda que pobre sou,
Naõ hades achar em mim,
O que achei em teu Avou.

Era da Lei, e vontade
Lavá-la na Fonte Pura,
Q'herdeiros nos habilita
Desses bens da Summa Altura,

Dei-lhe hum Padrinho da terra,
Que muita chelpa me deo;
E por Madrinha, escolheo-lhe
Sua Mãi, a Mãi do Ceo.

Eu pensei, que o meu Compadre,
Com esta santa uniaõ,
Metesse a nossa amizade
Mais dentro do coraçaõ.

Assim acontece a muitos,
Que se achaõ na minha esteira,
Mas, Senhor, as cousas minhas
Correm por outra maneira.

Tanto assim, q'em dia avesso,
Em que depois o busquei,
Da tempra da neve fria
Suas palavras achei.

Puz a tratos o discurso,
Sem poder lembrar-me nada;
Que me tivesse com elle
A consciencia gravada.

Até que por fim de contas,
Assentei, que esta mudança
Tinha o principio na filha,
Por eu ser Pai da criança.

Muito bem : Vamos agora
A outra historia que tal,
Para que saibas, Compadre,
Do meu bem, e do meu mal.

Sahe segundo á luz do dia,
Sai macho como hum coelho,
E na classe de Varaõ
Cobra as honras de mais velho.

De seus Padrinhos és Tu ,
O que me chama Compadre ;
Da outra naõ ha Padrinho ,
Desta naõ tenho Comadre.

A razaõ de se acabar
Tamanha estima , e favor,
Assento ser outra tal ,
E qual sem tirar , nem pôr.

Agora saber quizera ,
Em premio destas historias ,
Se as mercês , que Tu me fazes ,
Viraõ a ser tranzitorias.

Porque a vir do Compadresco ,
O mal , que sonho , e relato ,
Suppoem Tu , que tal naõ houve ,
Q'eu já renuncio o pacto.

De quantos bem me faziaõ,
Ha poucos em meu favor:
Os mais assentaõ, que tudo
Sobeja a quem he Doutor.

Naõ se recordaõ, que o tempo
Para demandas vai máo;
Que temos manteiga a doze,
E a cem réis o bacalháo.

Q'engordou o azeite em preço,
Tufou em preço o toucinho:
E os çapatos de dois pintos
Entraõ-lhe os pés à quartinho.

E eu posto na minha casa,
A' maneira de santóla,
Sou Francisco arroz, vinagre,
Alhos, cuentros, cebola.

Diraõ: porque me casei?
Mas que hei de fazer-lhe agora?
Hei de matar os pequenos?
Hei de pôr a mulher fóra?

As crianças por crianças
Estaõ em peor esteira,
A Mãi como ha gente pia,
Naõ faltará quem a queira.

Mulheres fazem mais dó!
Os seus ganhos saõ pequenos;
Homens, por moles que sejaõ
Esgravataõ mais, ou menos.

Mas huma desordem, nunca
Tenha a outra em consequente;
E Tu, caso te arrependas,
He por Compadre sómente.

Por-

Porque eu, do modo possivel,
Trasbordando de razões,
Oro por ti, quando faço
Minhas ralas orações.

Quando co'a Mãi, ao vestir-se,
Rezas aprende o Chiquinho,
Entra nas supplicas d'ambos
A saude do Padrinho.

Pois se ao Ceo trepar naõ pódem
Do Pai os rógos ardentes,
Ao Throno do Eterno subaõ
As petições de innocentes.

De maneira, que eu supplico,
A par de razões bastantes,
Se Compadre naõ me estimas,
Seja pelo que era d'antes.

D'an-

D'antes unico motivo
Foi a tua compaixaõ ;
Pois naõ mudes, porque existe
Em nós a mesma razaõ.

Senhor, preciso he, que saibas,
Que todos meus cabedaes,
Vem de Ti, da minha horta,
E das desordens dos mais.

Mas hoje he diversa a intriga
No meio d'aquelles póvos;
N'outra idade tinhaõ pleitos,
Por qualquer frango, e tres ovos.

Agora, bem que lhe tirem
O olho esquerdo, ou direito,
Pedem vista n'hum berreiro,
Mas naõ a querem n'hum feito.

Bem sei me pódes dizer,
Ao lêr estas queixas minhas,
Q'és meu amigo, porém
Q'as faltas naõ adivinhas.

He assim: hum farto amigo
D'ordinario naõ conhece,
Se o frio em Janeiro afflige,
Se a calma em Agosto aquece.

Mas tu vês, que o Ceo se veste
Já de tufões carrancudos;
E a leves chitas degradaõ
Esses baetões felpudos.

Vem d'aqui, que hei de mudar
Aos filhos ou fato, ou pelle;
E se acaso naõ me ajudas,
Ensina-me aonde appelle.

Aos provarás ? ah mudou-se
Já das demandas o trilho ;
A's seáras ? deo-me o tempo
Muita palha, e pouco milho.

Parece-me, que m'entendes ;
E se disfarças, em fim
Deixa correr o joginho,
Deixa-o ir ao galarim,

Que mais dia, menos dia,
Em Tu sentindo enforcado,
Dirás : Lá vai meu Compadre,
Era bom moço, coitado.

A'

A' ILL.MA E EX.MA SENHORA
D. MARIA DO CARMO HENRIQUES
DA MOTA E MELLO.

EM DIA DE ANNOS.

CANÇAŐ.

NAŐ he amor sómente,
Que n'hum fogo divino a ideia inflâma,
E faz em torno á frente
De Daphene cingir a verde rama;
Nem só a guerra dura
Transporta as cordas, e o cantor apura.

Tam-

Tambem no Templo augusto
Da perene Memoria tem morada,
Louvor sincero, e justo,
A quem á Gratidaõ franquea a entrada;
E lá c'os vencedores,
Tem culto igual Illustres Bemfeitores.

Encher de fumo os ares,
Ao rouco som d'irada artilheria;
Rasgar o seio aos mares,
Por ver nascido infante o claro dia:
Tudo isto saõ façanhas,
Q'as Musas cantaõ, mas do Pindo estranhas.

De muitos, que as fizeraõ,
E em remotos paizes denudados,
A' Patria louros deraõ,
Por entre o pó de Marte, á maõ cortados,
A vida recebeste,
Que de rara virtude enobreceste.

Não he porque d'Augustos
Em Teu Marido, e em Ti o sangue gira,
Q'os dedos naõ robustos
As cordas ferem da medrosa lyra.
Tens mais Heroicidade,
Nos, q'exercitas, rasgos de piedade!

Q'as graças lisonjeiras,
Por teu rosto se espalhem, q'o teu rosto,
Por artes feiticeiras,
Infunda n'alma quanto póde o gosto,
Tudo isto nada he teu,
Saõ acasos, que o mesmo acaso deu,

Ver cheia de ternura
A gente afflicta, pobre, e desvalida,
Curar da desventura
Com prompta maõ a barbara ferida,
Saõ estes os brazões,
Que por teus dignos saõ de mil canções.

Do

Do sexo és maravilha,
Para quem de taõ perto te consulta,
Ou pelo amor de filha,
Ou pelo que de Esposa te resulta,
No zelo, que te abraza,
Teu repouso cedendo ao bem da casa.

Nem pensem, que adulando
O teu merecimento, cavilloso
Esta arte vou buscando
Para armar o teu braço generoso,
Pois qual comigo sejas,
Eu sempre o digo, e sei q'o naõ desejas.

Quem só no teu semblante
Os olhos fieta, e tudo o mais ignora,
Assumpto tem bastante
Para á Lyra ajustar Cançaõ canora;
Mas quem te vê de perto,
Tem a vastos Poemas campo aberto.

No meio da Grandeza ,
Com que vistes do dia a luz serena ,
Olhastes a belleza
Como cousa comtigo a mais pequena :
Pois se esta he lei que mude ,
Naõ fenecem as obras de virtude.

Tu olhas indiff'rente
Das tuas possessões a copia vasta ,
Por q'ambiçaõ ardente
O teu sublime esp'rito naõ arrasta ;
Em duro captiveiro ,
Naõ geme aferrolhado o teu dinheiro.

Sem q'andem teus criados
Lamentando os salarios merecidos ,
A muitos precisados ,
Nem por isso bronzeas os ouvidos.
Tu és por estes modos
A delicia dos teus , o amor de todos.

Saõ estes os louvores,
Q'o dia, em que nascestes está pedindo;
A quem de aduladores
As varedas astutas vai fugindo;
Saõ estes Soberanos
Motivos de brindar teu Dia d'annos.

Mil vezes coroado
De sacro myrtho, e louro rescendente,
O' Dia assignalado,
Appareças no Ceo, risonho á gente;
E Tu, Marilia, os conta,
Do meu destino generosa affronta.

AO

AO MESMO.

DEpois de entregar-te o brinco,
N'huma Cançaõ arrastada;
Veio a noite, e fui deitar-me
Na minha estreita pousada.

Fugio-me a vista dos olhos,
Ensurdeci dos ouvidos;
E fez-se Morpheo Senhor
De todos os meus sentidos.

Mas Amor, que naõ respeita
Aldrava, ferrolho, ou tranca;
E como ladraõ de casa,
Tem nest'alma entrada franca.

Entrando por mim comigo
Me disse, em tom levantado:
Que moleza he esta, ó Vate,
Do meu calor agitado?

Tu dormes, quando desponta
Da formosa Marcia o Dia?
De Marcia teu doce arrimo,
E do meu Reino alegria!

Se já cantastes seus annos,
Em versos do seu agrado,
Tivestes comigo o crime
De Poeta adiantado.

Ora vai ajunta á margem
D'essa arrastada Cançaõ,
Que por honra de seus annos,
Lhe prostro aos pés o farpaõ.

Q'hoje, por graça a mais rara,
A terra, e tôdo o emispherio
A reconhecem regendo
As redeas do meu Imperio.

Disse; e voou de repente;
E atrás de Amor, adejando
As lindas Graças partíraõ
Teus annos, Marcia, cantando.

AO ILL.MO SENHOR FRANCISCO MANOEL DA CUNHA E FONCECA.

PEDINDO-LHE HUMA POLDRA.

MEu Compadre d'Alcobaça,
Queira Vossa Senhoria
Informar-me como passa,
Desde a nossa romaria
A' Virgem cheia de Graça.

Eu

Eu depois que me parti,
No meu Jumento montado,
Hum só desastre soffri;
Quanto ao mais tenho passado,
Como passava até'qui.

O desastre vou conta-lo
Nos versos, que lhe remeto;
Bem póde remedia-lo,
C'o recipe de hum boleto,
Caso resolva manda-lo.

Já sabe, que n'outra idade,
Fui senhor de alguns sendeiros
De vista, e de qualidade;
Depois, que em parches guerreiros
Marcháraõ de má vontade.

Deo-lhes a morte de rosto,
Pois nem a brutos perdôa!
Hum delles, n'hum mez de Agosto,
Deitou-se á praia em Lisboa
Aos cães, e aos negros exposto.

Do Mondego as margens frias,
Ao outro os ossos mamáraõ
No brilhante de seus dias!
E com ambos se acabáraõ
As minhas cavallarias.

Vendo-me em fim mal fadado
Com bestinhas cavallais,
Da minha sórte zangado,
Atirei-me ás burricais,
Comprando hum ruço affamado.

Nelle airoso, e tezo andava
Por todas minhas gravanas;
Mas quando mal o pensava,
Aqui ha duas semanas,
Deo-se á terra, em que pastava.

Huma vala quiz saltar,
Segundo o meu moço crê;
E naõ podendo galgar,
Deixando-me a mim a pé,
Ficou de pés para o ar.

Pregou-lhe a Parca este mono,
Roubando-me os meus vintens!
Mas dando-lhe largo sono,
Fez a alegria dos cães,
E a tristeza de seu dono.

Faz-me huma festa negaça,
Convida-me algum amigo,
Vem Vestoria, ou trapaça,
He nesta terra hum castigo
Achar-se besta de graça.

Já se vê, que besta macha
Naõ he para meu calçaõ;
E Tu bem pódes, sem tacha,
Mandar, que em Alfeiziraõ,
Se me dê huma de racha.

Naõ precisa ser d'aquellas,
Que daõ poldros Andaluzes,
Airosas, nedias, e bellas,
E que no lombo, e nas cruzes,
Nunca soffrêraõ bostellas.

Basta-me huma poldrazeta
Destas mais arrecuadas,
Quer alvadia, quer preta;
Mas q'inda ao dar as passadas
Naõ precise de moleta.

E se o destino cruél
Assim me tem perseguido,
Quero mudar de papel;
O que farei, attendido
D'outro Francisco Manoel.

Temos Contractos diversos,
Q'adoptou o Mundo inteiro;
Se huns daõ herdades aos terços,
Se outros alugaõ dinheiro,
Poetas compraõ com Versos.

Por tanto, Senhor, remetto
Esta minha petiçaõ;
Se a sorte sahir em preto,
Das egoas para o patraõ
Faça mandar-me hum boleto.

A JOSE' DA SILVA E ABREU.

ACABANDO DE JUIZ DE FÓRA DE OBIDOS.

CANÇAÕ.

SErvil adulaçaõ, já mais podeste
Minh'alma acalentar! por meio nobre
Amizades ganhei, mas sem mentido,
Gesto fingido,
Que veneno mortal no peito encobre.

Naõ

Naõ póde a subtil maõ da dependencia
Os meus passos reger, a minha lyra
Imaginados seres naõ levanta,
Ella só canta
Os doces versos, q'a verdade inspira.

Naõ foi entaõ, em quanto a branca vara
Incorrupto regeste, e vigilante,
O Supremo poder representaste,
Que me escutaste
Este canto, a louvar-te naõ bastante.

Sem lugar a suspeita de lisonja,
Da vil lisonja, q'almas fracas seva,
Em teu louvor, depois de a nós roubado,
O vôo ousado
Saudosa á Musa, por hum pouco eleva.

E se lá no espaldar de riço crespo
Os luminosos Seres, descendentes
Dos Suevos, Alanos, Seltas, Godos,
Te fazem todos
O pasto desgraçado de seus dentes.

Se corrupto Censor bochechas tufa
Com vento estomachal, e desenrola
Mil textos de charrua, e de vangala
Gira a sala,
Dando tratos sem fructo á ouca bóla:

Se tudo á revelia sentencêaõ
Com sonhado saber, e te prepáraõ
Execranda missaõ, cá d'outra parte
Ouço louvar-te
Por esses, que a Justiça, e paz amáraõ.

Hum

Hum te pinta, qual Hercules possante
O soberbo Leaõ ás mãos tomando,
Que contra os mais a garra horrend'alçava,
E os aterrava
No cólo altivo as jubas irriçando.

No Etimphalo Lago das Harpias,
Diz outro, q'a avareza castigaste; (te;
Q'ao Rei Thracio em si mesmo confundis-
E posto viste
Rebanho d'Amazonas, naõ pasmaste.

Se triste Geriaõ, chorou roubados
Do Ladraõ Aventino os bois tardios,
O Thirintio o seu crime poz patente,
E do insolente
Fez na terra correr o sangue em rios.

Naõ receaste, Abreu, apadrinhado
Na Ilha Creta o ponte-agudo touro;
A serva, sobre o Menalo venceste;
E naõ colheste
No Hesperido Jardim os pomos d'ouro.

Ah! o pobre se lembra, naõ se esquece
A viuva, e pupilo desgarrados,
Nos azares da misera orphandade,
A actividade,
Com q'eraõ seus Direitos sustentados.

Affoito nunca pôde a branca insignia,
A' tua esquerda vêr o malfazente;
E pôde, contra o ímpio monstro duro,
Andar seguro
D'Astrea á sombra, o candido innocente.

Sus-

Sustentando a balança, Justiceiro
Fizestes conhecer ao douto aerio,
(Malogrando seu genio, em ira accezo)
O justo pezo
Das Leis do Sacerdocio,e Leis do Imperio.

Se o barbaro Perilo a vida impura
Rendeu no bojo do fatal bezerro,
Tambem vivos, por ti, outro malvado,
Exasperado
O peito atravessar, c'o proprio ferro.

Té privaste ao capricho a posse horrivel
De pretextar no carcere a vingança,
Castigando, por culpas mal fingidas,
As recebidas
Affrontas da domestica privança.

Igu

EPIGRAMMA.

AO MESMO.

POr todos repartir igual Justiça ;
Castigar depravados malfeitores ;
Os Orphãos amimar ; a vil cobiça
Rebelar de soberbos impostores ; (ja,
Pezar co'as Leis do Imperio, as Leis da Igre-
Senaõ he grande, q'haverá q'o seja ?

AO

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR

D. FERNANDO DE LIMA

EM DIA DE ANNOS.

DAmitas, desprende a lyra
D'aquelle tronco musgoso,
Onde já conta dois annos,
Em ocio o mais criminoso.

Téce de myrthos, e louro
Huma viçosa capella;
E em quanto as cordas lhe ajusto,
Cinjo-me a fronte com ella.

Mas quanto o desuso póde!
Por mais, q'as cordas lhe firo,
Nem hum som, que seja grato,
Já da minha lyra tiro!

Quanto a dura occupaçaõ,
Do que fui, me tem diverso!
Antes fazia-os sem custo,
Agora mal faço hum vérso.

Eis alto assumpto ministra
Calor novo ao Vate frio;
Som novo as cordas recobraõ,
E o canto me ensina Clio.

No curvo Olimpo deviso,
C'o facho ardente na maõ,
Negras sombras dissipando
A filha d'Hesperiaõ.

O' quanto dos mais diverso
Vem nascendo o claro dia,
Ao som do canto das aves,
Q'os meus cantos desafia.

Dizes-me, ó Musa, que neste,
Se contaõ trinta e tres annos,
Em que brotou novo fructo
O Tronco dos bons Limanos.

Estes Limanos, que dando
Ao Lima hum prazer sobejo,
Fazem no Seculo nosso,
A gloria do nosso Téjo.

Tronco de Reis produzido
N'um Baticella famoso,
Nos arraiaes Leaõ bravo,
Na Corte Varaõ piedoso.

Sim, Musa, sei que depois
De Limanos infinitos,
Ao Tronco antigo se elaça
De novo o Tronco dos Britos.

Bem me lembro, e o rude canto,
Fogosa naõ me atropeles,
Mostrando-me entrelaçados,
E alegres com elle os Telles.

Todos Heróes respeitados
Dos curvos Mauros alfanges,
Quer nas Costas Africanas,
Quer nas ribeiras do Ganges.

Todos Heróes produzidos
D'aquella Estirpe abundante,
Cujas façanhas heróicas
Naõ ha quem conte, nem cante.

Mas deixa de apresentar-me
Feitos illustres dos Pais,
A nós torna, e canta em breve
As virtudes pessoais.

Canta huma Alma sábia, e recta;
Hum pio, e constante Peito;
Justo em si c'os outros justo,
E por si, Heróe perfeito.

Isto basta; a sua Gloria
Naõ tires de seus Maiores;
Os proprios merecimentos,
Tem mais sólidos louvores.

O' Dia, ditoso Dia!
Sempre te veja raiar,
Em quanto os rios levarem
As doces aguas ao mar.

Nynfas da verde Campina,
Promettamos, d'anno em anno,
Repetir estes festejos
Em honra do bom Limano.

De louros, e verdes myrthos,
Hum fôfo berço ergueremos;
E deste Dia ao pé delle
Os elogios faremos.

Os pastores, e as pastoras
Destas vizinhas Aldêas,
Viráõ dar-lhe os justos vivas,
Formando airosas Chorêas.

Foi este o Dia de gosto,
Que a minha lyra ociósa,
Me fez incurvar no peito,
E correr-lhe a maõ medrósa.

Tórna a prendê-la, Damitas,
E goze da mesma paz;
D'hoje a hum anno, e para o mesmo,
Tu mesmo a desprenderás.

AO

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR

D. RODRIGO D'ALENCASTRE.

ENTREGANDO-LHE O AUTHOR HUM SEU CUNHADO.

AO destino da Guerra aparelhado,
No teu Commando entrego,
Este recente misero soldado,
Que as horas do socego,
Ao serviço da Patria sacrifica,
E á Mãi se rouba, que chorando-o fica.

He

He da raça d'aquêlles, que negáraõ
Incensos á preguiça;
E que prestaveis pelo templo entráraõ
Da candida Justiça:
Pois tem igual accésso, e a mesma vóga
Cingir a Banda, que vestir a Tóga.

Se á Sobrinha cortou a Parca o fio,
Em taõ recente idade,
Em lugar d'Afilhado to confio;
Ah! poem-lhe por piedade
A vista, com que pódes, só d'olha-lo,
Da poeira, que o cerca, levantá-lo.

A teu cuidado o toma, e Tu lhe ensina
A ver risonho a morte,
Que horrenda pelos fracos se imagina!
Aprenda, que d'hum córte
Se extingue sim a vida tranzitoria,
Mas que assim se adquire eterna gloria.

Com teu exemplo, que animo abatido,
Das armas no conflicto,
Senaõ verá valente, e destemido?
Hum Commandante invicto,
No calor da peleja, he Luz Divina,
Que a estrada da Victoria aos mais ensina.

De Ti, dos Teus confia a Patria amada,
Naõ ver de planta alhea,
Com ludibrio dos póvos, ser trilhada
Do fulvo Téjo a arêa;
Eu ouço o Regio Avô, que por Ti grita,
E á defeza da Croa, essa alma incita.

Que importa, que ameacem nossas praias
As quilhas presumidas;
Que vale, que procurem nossas raias,
As Tropas atrevidas;
Se hoje em Ti, e nos Teus a Patria conta;
Quem de Gentes soberbas seja affronta.

Em

Em quanto , nos encontros perigosos ,
Por entre o fogo , e o fumo ,
Abrís , a tantos feitos gloriosos ,
Hum nunca achado rumo ,
Eu farei por cortar louros virentes ,
Com que enfeite depois as vossas frentes.

AO EX.[MO] E R.[MO] SENHOR
PRINCIPAL CAMARA.

MEu Principal, bom Amigo,
Hoje ás tuas plantas rôchas
Naõ posso atirar comigo,
Porque tenho as minhas côchas.

Eis despesso esse gallego,
Que he macho das minhas póstas,
Sem conduzir mais carrego,
Que doze quadras ás cóstas.

Nel-

Nellas te explica o Malhaõ,
Em frase a mais natural,
Que se acha, sobre hum colxaõ,
Côxo, e sem ter hum real.

Assim me hospedou Lisboa;
E saõ verdades eternas,
Que o que naõ tem sorte boa,
Sobre o leito quebra as pernas.

Vou-te pedir, que me acudas,
Pois Amigo antigo, e raro,
Nestas molestias agudas,
Sempre foste o meu amparo.

Manda-me dessas pessetas,
A que tens jus, e razaõ,
Para as quaes nem tens gavetas,
Nem cófre com aldravaõ.

Naõ queiras, depois de morto,
Que te acclame o teu herdeiro,
Com tantas loiras absorto,
Hum martyr do teu dinheiro.

Estou no sagrado amparo,
Que me fazes taõ presente,
Que t'invoco hum novo Amaro,
Co'a minha perna doente.

Por isso, em m'achando bom,
Te prometto ir lá, Senhor,
Da minha Guitárra ao som
Espalhar o Teu louvor.

Haõ de hum dia ver as gentes,
Que o Vate, que te venera,
Te põem dos frisos pendentes
Versos, por pernas de cêra.

E quando seja hoje vã
A hida ao macho da posta,
Naõ t'afflijas; ámanhã
Mandarei pela resposta.

A qualquer familiar,
Quando saias, recomenda;
Se o Malhaõ aqui mandar,
Remettaõ-lhe esta encomenda.

AO ILL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR

PRINCIPAL CASTRO.

ENTREGANDO-LHE OS TRES VOLUMES DA VIDA PASSADA, ALGUM TEMPO DEPOIS DE IMPRESSA.

HUm progresso de trabalhos,
Heróicamente soffridos,
Ponho, Senhor, a teus pés,
Por tres Tomos repartidos.

Serodios vem, he verdade,
Mas eu naõ sei, que lhe faça;
O Téjo aurifero dista
Doze legoas do Regaça.

Se

Se fui a pé ao Mondego,
Inda naõ era Doutor;
Agora pede a decencia,
Que me conduza melhor.

Além disso era preciso
Pôr em ferias a Audiencia,
A bem d'aquelles, que fiaõ
Da minha Juris-prudencia.

Mais vale tarde, que nunca,
E eu neste adagio fiado,
Aqui tos entrego, e fio
Lhes mostres bom agazalhado.

Anciosos vaõ, Senhor;
A tua Stante buscar;
Naõ por serem dignos disso,
Mas para disso s'honrar.

Naõ ha Livro, que naõ tenha
Hum instante de se lêr;
Senaõ he por instruir,
Ao menos por entreter.

Do máo estylo se colhe
O bom d'hum estylo puro;
Té os rasgos da pintura,
Realçaõ no claro-escuro.

A planta nasce pequena,
Cresce, e depois mostra a flor;
Depois o fructo, que amargo
C'o tempo cria sabor.

Assim hum máo escrevente
De genio grosseiro, e inculto,
Com exercicio, e trabalho
Cahe depois no estylo culto.

Eu nesta ralada historia,
Que escrevo ácerca de mim;
Além do lucro preciso
Tenho outro mais alto fim.

Assim me vou ensaiando,
Até ter forças capazes,
Com que dignamente escreva
As grandes cousas, que fazes.

Teu Afilhado, á partida,
Me disse, n'hum ar manhoso:
Beije a maõ a meu Padrinho,
E diga-lhe, sou goloso.

Naõ sei, que quiz dizer nisto;
Mas tanta golosidade,
Desculpa-a no Pai, por pobre,
No filho, por pouca idade.

A' ILL.MA E EX.MA SENHORA D. MARIA DO CARMO HENRIQUES DA MOTA E MELLO.

EM DIA DE ANNOS.

SE por justa obrigaçaõ
Faço a teus annos festejo ;
Correndo do meu Certaõ
A's ruivas praias do Téjo : (res
He bem, que me acompanhe em teus louvo-
Quem desfructa comigo os teus favores.

Por

Por tanto Comadre minha ;
O Malhaõ , sua Mulher ,
E a Filha , que entre prazer ,
A beijar-te a maõ caminha ;
Neste pobre papel , trazem comsigo
Versos , que dita amor ao Vate amigo.

❋

Amor no dia de hoje ,
Em honra de teus annos ,
Costuma ser festivo
C'os moços seus tyrannos.

O Numen por seu templo
Entrando disfarçado ,
Depois de estar no throno ,
Com rosto simulado ,

Lhe

Lhes disse « Meus flexeiros

» As horas saõ mesquinhas,

» Tratemos d'entrete-las

» Em jógos, e adivinhas. »

Entaõ da aljava tira,

Da aljava eburnea, e dura,

Hum quadro, e diz-lhe « esconde

» Finissima pintura.

» Naõ quero, continua,

» Naõ quero, que a vejais;

» Pertendo deis seu nome,

» Ouvindo-lhe os signaes.

» Aquelle, que primeiro,

» Quem seja, me disser,

» Por premio, quatro sétas

» Das minhas ha de ter. »

Attentos stavaõ todos,
Sem tino dos farpões,
Em quanto amor fallava,
Narrando-lhe as feições.

De Rhodes hum pintor,
Dos outros pasmo, e zelos,
De hum ebano brilhante
Traçou os seus cabellos.

Finissimos ondeaõ;
E poz-lhe acautelado,
Naõ sei, que rescendencia
De arôma delicado.

A frente linda, e vasta,
Que ás outras faz delirios,
He feita d'huma alvura,
Que dá ciume aos lyrios.

As curvas sobrancelhas,
Que fez com destra maõ;
Saõ deste bello espaço
Gallante divisaõ.

Por baixo dellas brilhaõ
Dois lumes feiticeiros,
Que exprimem mais que eu digo,
Sem serem chocalheiros.

Alli se vêem unidas
'A vista meiga, e dura,
Reluz alli o austero
Nos braços da ternura.

Por baixo destes olhos
Lhe poz co'a maõ famosa,
Entre hum trigueiro, e alvo,
Em conta a côr da rosa.

Com seu pincél divino;
Em vivos de rubim,
Deixou mostrasse a bocca
Alvissimo marfim.

O largo cólo, e altivo,
Que n'alma infunde gosto,
He cluna, que vaidosa,
Sustenta este composto.

A sua linda base,
Que occulta hum denso véo;
He templo, onde só vivem
Ternura, pejo, e eu.

Agora dizei, filhos,
Se o premio vos contenta,
Quem seja a linda humana,
Que o quadro representa.

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR

MARQUEZ DAS MINAS.

EM FESTA DE SEUS ANNOS.

BANQUETE.

EU bem sei, Marquez preclaro,
Que tens o tempo occupado
Em reflexões, e discursos
Tendentes a bem do Estado.

Vejo, Illustre Patriota,
Que a todos serves d'espelho;
Quer nos ritos Cortezãos,
Quer nas funções de Concelho.

Mas;

Mas, Senhor, nem sempre a idéa,
Deve andar nisto entretida;
Ha de haver hum passatempo
Em desafogo da lida.

Hum arco atezado sempre,
De seus braços perde a força;
Depois sai-lhe a séta fraca,
Por mais que a corda se torça.

Eis-aqui, porque eu me atrevo,
A pôr na tua presença,
Estes versos pequeninos,
Partos de Musa criença.

Alcanço, que altos Senhores,
D'altas Camenas saõ di'nos;
E só devem ser cantados
Pelos Pindaros divinos.

Mas o nosso Joaõ Terceiro,
Ouvio, com rosto sereno,
O Sá de Miranda antigo,
Cantando em verso pequeno.

Por isso a meus versos deves
Mostrar carinhoso aspecto,
E já, que no mais o vemos,
Mostra nisto, que és seu Neto.

E se eu naõ pude, Senhor,
Entre muitos ir contente,
A beijar-te a Maõ piedosa
A cinco do mez corrente,

Sempre te quero contar,
Nos meus versos pequeninos,
A festa, que aqui fizemos
Eu, a Mulher, e os meninos.

Ape-

Apenas a rôxa Aurora ;
No dia quinto assomou ,
E com seus raios , os raios
Das Estrellas apagou.

Depois de já ter gozado
Sonhos , cheios d'alegria ,
Como presagios felices
Da volta de taõ bom Dia :

Surjo da cama ; a Mulher
Me diz : que espertina he esta ?
Eu lhe torno : Vai-te erguendo ,
Que temos Dia de Festa.

Festa ! diz ella : naõ sei ,
Se festeje Santo algum !
Este Santo , repliquei ,
He contra o nosso jejum.

Dize-me, naõ me tens visto,
A's vezes, nas precisões,
Apparecer de repente
Esfregando alguns dobrões?

Naõ vistes, quando queriaõ
Ir-me alguns ao gallinheiro,
Que milagrinho nos fez
O Pinete feiticeiro?

Naõ me chorastes sarnento,
Sem poder ganhar real,
E vir da terra do enxofre
Correndo o loiro metal?

Naõ sabes quem o mandava,
E mil vezes dado o tem?
Diz ella: o Marquez das Minas:
Torno-lhe eu: pois muito bem:

Se

Se reconheces o Santo,
Que m'ampara nestes damnos,
Preciso he tambem, que saibas,
Que neste Dia faz annos.

Naõ sei, Senhor, o que tem
Esta arte de bem fazer;
Vi-lhe hum pranto d'alegria
O seu rosto humedecer.

Gritei-lhe: Sai-te da cama,
Vai-te vestir, e toucar;
E c'os fatos Domingueiros,
Os pequenos enfeitar.

Assim se fez, e adornados,
Segundo o permitte o fado,
Todos quatro em procissaõ
Fomos ao Templo Sagrado.

Por tua saude ouvimos
O Sacrificio da Missa;
E por teus annos rogámos
Ao Deos de Summa Justiça.

Pois de Justiça he, Marquez,
Que annos conte dilatados
'Aquelle, que se decide
'A favor dos desgraçados.

Que os olha sincero, e meigo,
E delles tem dó profundo,
Virtudes, que pouco a pouco
Vejo mingar neste mundo.

E porque isto de Semana,
Em mim naõ he mui frequente;
Ficou desta acçaõ, por boa,
Em cuidos bastante gente.

Julgáraõ, que era promessa,
E nisto naõ houve engano,
Que eu votei d'o repetir
Neste Dia d'anno em anno.

Tornado a casa, dei ordem
A' caroucha cosinheira,
Que as forças me calculasse
Da dispensa, e capoeira.

Havia hum pato durazio,
Duas frangas, hum capaõ,
Hum pinto já d'Evangelho,
E o gallo da geraçaõ.

Na dispensa, que naõ vio
Já mais sortimento munto,
Restava hum pé pendurado,
Que dizem foi de prezunto.

Publiquei mortal sentença
'A's frangas, pato, e capaõ;
E dei os cobres precisos
Para adubar-se a funçaõ.

Minha Sogra, que isto ouvio,
E soube o dia, em que estava,
Deo hum suéto á familia,
Que de redor trabalhava.

Deitou polvilhos nas cãs;
Poz seus pentes no topete;
Sentou-se d'alto embuçada
No seu rôxo mantilete.

Assim stivémos de róda,
Em quanto se preparava
Hum banquete, que a pobreza
Com alegria temprava.

Eis minha Sogra, que he velha,
Mas destas, que naõ lêem sinas,
Me rogou, que lhe dissesse,
Quem era o Marquez das Minas.

Para dizer-lho, Senhora,
Respondi; naõ sou bastante;
Mas vejamos se lhe mostro
Pelos dedos o Gigante.

Pelo que á vista nos tóca,
He hum Fidalgo bem feito,
Bem dado com todo o mundo,
Sem que manche o seu respeito.

He d'estatura elegante,
Animado no seu rosto;
Visto alegra a quem o avista,
E conversado dá gosto.

Tem os olhos prespicazes ;
Suas palavras saõ certas ;
E as Mãos, bem dignas d'hum Sceptro ;
Saõ para os pobres abertas.

Em fim, Senhora, he aquelle,
Por cujo alto valimento,
Vossa mercê, em Val-Bemfeito
Teve Regio Acolhimento.

E depois de pertençóes,
Vagas, diversas, e immensas,
Por seu abrigo sómente
Conseguio as suas tenças.

Contente estava d'ouvir-me
Muito attenta a Velhazinha,
Quando de dentro se disse,
Que estava feita a cozinha.

Seriaõ já duas horas ;
A' meza fomos chegando ;
E nella em grossa terrina
Se via a sôpa fumando.

Tracalhaõ pobres colheres ,
Ouço cadeiras puchar ;
Huns tiraõ , outros assopraõ ,
Outros vejo a mastigar.

Naõ te sujes , diz a Mái
Ao filho desinquieto ;
D'outro lado a Tia grita :
Menino , esteja quieto.

Ataõ-lhes pelos pescoços
Em tufões os guardanapos ,
Que lhes inchaõ as bochechas ;
Dignas de mansos sopápos.

Nunca se vio hum banquete,
Como, o que eu fiz neste Dia;
Nem taõ falto de comida,
Nem taõ farto de alegria.

O animal, que se chrisma,
Quando lhe pōem o cutélo;
E depois de boi de canga,
In voce torna a vitélo.

Em largo prato de barro
Appareceo de repente,
Com couves, pé de prezunto,
E toucinho competente.

Naõ lhes valeo a dureza;
Pois mal se viraõ trinchados,
Foraõ despojos da gana
Os seus óssos esbrugados.

Man-

Mandei aqui fazer pausa ;
E por hum cópo sómente ,
A' saude de Teus Annos ,
Fiz beber a toda a gente.

E cada qual , quando tinha
O seu cabimento , e vez ,
Erguendo a taça , dizia :
A' saude do Marquez.

Eu , que fui o derradeiro ,
Disse , antes de ver-lhe o fundo :
„ A' saude de quem tenho ,
„ De Deos abaixo , no mundo.

E levantando-me em pé ,
Cheio de satisfaçaõ ,
C'os olhos vermelhos , piscos
Cantei os versos , que ahi vaõ.

✽

Salve Dia venturoso,
Na leve roda marcado,
Para dar feliz remedio
A Hum Poeta desgraçado,

Sempre eu te veja nascêr
Por entre as nuvens rosadas,
Festejando a quem nos déstes
Por idades dilatadas.

Saudemos, filhos,
O Heróe nascido,
Que de venturas,
Nos tem enchido.

A cinco nasceo Affonso,
Terceiro de Portugal,
A cinco nos deo Novembro
Hum'alma, á sua alma igual.

Até foi quinto no Sceptro ;
Porque este numero quinto ,
Nas mesmas Quinas do Reino ,
He entre os Lusos distinto.

De novo a taça
Lédos chupemos ;
Seus annos , filhos ,
Ledos saudemos.

Quem vio seu rosto sereno ,
Que naõ lhe ganhasse amor ?
Quem lhe fez súpplicas justas ,
Que naõ achasse favor ?

O seu peito , em piedade
Sempre se vê abundar ;
As suas Mãos saõ mais francas ,
Que as mesmas praias do mar.

Filhos, saudemos
Taõ bello Dia,
Fonte da nossa
Doce alegria.

Elle he Cedro, cujas ramas
Tocar o Ceo avistamos;
E nós heras desvalidas,
Que só com elle trepamos.

Elle he quem he; e mal póde
Quem o consulta dize-lo:
Ouso na lyra canta-lo,
Mas naõ chego a comprehende-lo.

Ternos meninos,
Cheios d'amor,
Saudai comigo
Meu Bemfeitor.

Aqui tens, Marquez Augusto,
O que estes pobres Serranos.
Fizérað no Dia alegre
Dos teus venturosos annos.

NOS DESPOSORIOS
DO ILL.MO SENHOR
HIERONIMO DE CASTILHO E ALCAÇOVA,
E
A ILL.MA E EX.MA SENHORA
D. THEREZA DE LENCASTRE.

JÁ quasi que da Aurora,
A luz no Ceo se estende,
E co'as florestas, que matisa Flora,
O vento da manhã soprando entende;
O tempo está chegado
De vêr-se neste valle
A Germino, o Senhor deste montado;
E Tyrse, cujo agrado
Talvez de Chypre a Deosa mal iguale.

C'o

C'o faxo accezo
Na luz do Ceo,
Rapido vôa,
Desce Hymineo.

Já fervidas se apressaõ
As orbitas possantes,
Que pelo secco pó ligeiros tiraõ
Jaezados Etontes arrogantes:
Os freios mastigando,
Lá vem de latea espuma
Os peitos reforçados salpicando:
Eis desce a bella Esposa,
Taõ candida, e formosa,
Que deixa escurecida
A graça, com que Venus magestosa
Desce do carro, sobre os montes de Ida.

C'o faxo accezo,
Na luz do Ceo,
Rapido vôa,
Desce Hymineo.

Recebe os cultos,
Que a taes Pastores,
Dançando entôaõ
Rudes Cantores.

Attenda Tyrse,
Ouça Germino
Versos, que alternaõ
Lidia, e Jozino.

CANTO DE LYDIA.

QUal a rosa em campo ameno,
Pela Aurora borrifada,
Nem dos ventos offendida,
Nem dos rebanhos tocada;
Que d'inveja matando as outras flores,
Faz o mimo, e a cobiça dos Pastores:

Mas logo, que a maõ avára
A seus bicos a roubou,
Parece o viçoso perde,
Com que a todos encantou;
E ao peito de vaidoso pegureiro,
Só elle a tóca, só lhe gósta o cheiro:

Tal

Tal a Nynfa meiga e pura,
Quando vive em liberdade,
De todos, que vêem seus olhos,
Leva captiva a vontade: (posa,
Mal porém, que ella entrega a maõ de Es-
N'hum só altar, d'hum só os cultos goza.

CANTO DE JOZINO.

A Vide ao azar nascida
Em campos, bem que mimosos,
Sem cultor, já mais levanta
Da terra os braços frondosos;
Soffre das chuvas, e do vento o insulto,
As folhas perde, naõ a adorna fructo.

Se

Se alguem , ajudando as varas ,
C'o robusto ulmeiro a abraça ,
E por entre as verdes ramas ,
Seus verdes ramos enlaça ,
Ris-se logo do vento sibilante ,
Vê-se em folhas , e em fructos abundante.

He como a vide viçosa ,
Antes de ser cultivada ,
Huma Nynfa meiga e bella
Antes de ser esposada ;
Mas logo,que ella abraça hum terno amante,
Vê-se em mimos , e em fructos abundante.

C'o faxo accezo
Na luz do Ceo ,
Rápido vôa ,
Desce Hymineo.

Re-

Recebe os cultos,
Que a taes Pastores,
Dançando entôaõ,
Rudes Cantores.

Ouça Germino,
E Tyrse bella,
Versos, que alternaõ
Alfeno, e Isbella.

CANTO AMABEO.

ISBELLA.

NEste dia, em qu'os prazeres
Parece chovem do Ceo,
Habitaõ Vale das Flores
Venus, Amor, e Hymineo.

AL-

ALFENO.

As Graças, as Nynfas meigas
Rodeiaõ nossas florestas,
De lyrios ornando os peitos,
De myrtho cingindo as téstas.

ISBELLA.

A bella Tyrse festejaõ,
Tal aos olhos de Germino,
Qual Venus ao pastor Frigio,
Juiz do pleito divino.

ALFENO.

Cantaõ Germino os pastores,
Mais grato aos olhos de Tyrse,
Que o foi o Grego facundo
Aos magos olhos de Circe.

ISBELLA.

Tyrse foi o doce encanto
Dos Irmãos, Irmãs e Pais;
Mas Tyrse, por lei de amor,
A Germino encanta mais.

ALFENO.

Germino foi, desde o berço,
Cheio de affavel doçura;
Mas agora para Tyrse
Tem huma nova ternura.

ISBELLA.

O' como os olhos de Tyrse,
Em natural expressaõ,
Fazem saber a Germino
O gosto desta uniaõ.

A l f e n o.

Eu nos olhos de Germino
Leio em frase verdadeira,
Que elle, depois que vio Tyrse,
Naõ vio cousa, que mais queira.

I s b e l l a.

Murcha as flores, muda as folhas
O lento correr da idade;
Mas naõ mudará de Tyrse,
Nem de Germino a vontade.

A l f e n o.

O tempo, que tudo estraga,
Com seu rodar voador,
Unicamente respeita
Os edificios d'Amor.

ISBELLA.

Tyrse na doce prisaõ ;
A que seus braços foi dar ,
Quiz os dias venturosos
Gostosamente passar.

ALFENO.

Tal he a rara ventura
De quem prende a liberdade ,
Naõ por systemas do mundo ,
Mas por amor , e vontade.

ISBELLA.

Eu já naõ desejo , Alfeno ;
Cá nos meus dias vêr mais ,
Que hum tenro Infante , que seja
Retrato de Esposos tais.

ALFENO.

O' quem me déra já vêlo
Rindo no cólo da Mãi;
Qual botaõ, que junto á rosa,
Começa a rir-se tambem.

ISBELLA.

Alto Ceo, taõ justo rogo
Benignamente abençôa;
Permitte, que sobre a terra,
Naõ se acabe a planta boa.

ALFENO.

Deoses, mandai, que elle nasça:
Já naõ vos pedimos mais,
Que faze-lo imitador
Das virtudes de seus Pais.

C'o faxo accezo,
Na luz do Ceo,
Rápido vôa,
Desce Hymineo.

A' ILL.ᴹᴬ E EX.ᴹᴬ SENHORA

D. MARIA DO CARMO HENRIQUES

DA MOTA E MELLO.

EM DIA DE ANNOS.

CANÇAÕ.

QUem me vir enramar de louro a frente,
Lançar a maõ da lyra,
Primeiro que lhe fira
As córdas, invocar estro divino,
Talvez pense, que rápido imagino
Erguer em verso Estatuas, e Colossos;
Em honra dos Atletas,
Que tem cheios de assombro os dias nossos:

Naõ gósto de trilhar vareda errada ;
Eu tomo hum nórte fixo ;
Naõ canto por capricho
Acções, que offendem toda a humanidade,
Rebuçadas no véo de heroicidade !
Por Ti, por Ti, ó Marcia, me transporto,
Por Ti na Aonia bebo,
Os louros para Ti no Pindo corto.

Em quanto aquelle os dias assignala
Com mórtes, e ruinas,
E as ondas Neptuninas
De sangue tinge na cruenta guerra,
E de mórtos est'outro alastra a terra ;
A' sombra deste tecto magestoso,
Eu marco satisfeito
A volta deste Dia luminoso.

Nem me lembro das Graças empenhadas
No plano de teu rosto,
E o mais desse composto,
Que distingue entre nós taõ bello Dia.
Naõ me acordo dos risos, da alegria,
Que Amor sentio ao ver-te respirando,
Nem da segura conta,
De ir comtigo o seu Reino dilatando.

Esqueço-me dos Troncos, de que és Ramo,
Antigos, e robustos,
Que deraõ pasmo, e sustos
De remóto Paiz aos bassos póvos;
Eu risco da lembrança os laços nóvos,
Que fazem do teu ser hum alto abono;
Omito o Esposo Illustre,
Que te eleva comsigo ao pé do Throno.

Todo este quadro feiticeiro, e bello;
Se acaba de repente,
Bem como ao Sol ardente
A neve, que faz alvas as campinas;
Da tua Alma as virtudes perigrinas,
Saõ mais que tudo, porque o mais illude,
E só, quaes astros brilhaõ,
Os luminosos rasgos da virtude.

Naõ negas á pobreza attento ouvido;
Teus olhos naõ se affastaõ
Dos míseros, que arrastaõ
Os ferros da Fortuna caprichosa:
Estendes a maõ candida, e formosa,
Que he para os que a ventura desconcerta,
Qual praia mansa, e vasta
Ao naufrago cansado sempre aberta.

Tu soletras no rosto afflicto, e triste
De hum misero vexado,
Assás necessitado,
Que soffre no pedir hum mal cruento!
E poupas-lhe o trabalho violento!
Parece que advinhas, quanto ao nobre,
Por lei de bem nascido,
Consterna o dar-se por pedinte, e pobre

Quem, ó Marcia, te agrada tem seguro
Esteio á pobre vida;
No mór trabalho, e lida
Foste sempre remedio, aos teus visinhos,
Que distantes de Ti chóraõ sózinhos
O teu dinheiro he franca medicina
A todos, que a desgraça
Poz em fome, ou nudez cruel maquína.

E

Estes altos padrões, que na virtude
Fórmaõ a glória tua,
Em quanto o Sol, e a Lua
Derem luzes á noite, e claro dia,
Seraõ dignos de sólida valia:
Tudo mais saõ acasos da ventura,
Que timbras de encerra-los
Do silencio fatal na urna escura.

Mas onde guio os meus errantes vôos?
Bem sei, que tu naõ gostas
De ver em verso expostas
As grandes qualidades, que hoje exalto;
A modestia lhe dá valor mais alto;
Ella as faz ser virtudes, que a verdade
Lhe nega hum ser taõ bello,
Quando surgem do seio da vaidade.

Nem

Nem eu, Marcia gentil, se assim naõ foras,
Assim te descrevêra,
Nem versos te fizera
Ao som da minha acorde, e pobre lyra,
Que naõ mescla a verdade co'a mentira:
Quem affirma, o que sente, vai seguro,
E que és, qual eu te pinto,
Se dize lo naõ basta, affoito o juro.

Eis, ó Grandes do Téjo, porque a volta
De hum Dia taõ brilhante
Da patria lá distante
Me arranca sem fadiga, e sem tristeza
Dos laços, a que tenho esta alma preza;
E bem que amor me ligue o coraçaõ,
Tambem sei dar incensos
A' amizade, no altar da Gratidaõ.

Ou

Ou faltem meios a jornada extensa ;
Ou mesmo o Ceo toldado,
Em chuvas desatado
Inche os rios ; e a terra pantanosa ;
Se faça ao Viadante assás penosa ;
Onde quer que estiveres neste Dia
Irei as mãos beijar-te ,
Que nisso pouco faz , quem mais devia.

O' Numen, que formaste a Marcia, bella,
Illustre , e caridosa ,
Na orbita fogosa
Corre , deixa seus Annos socegados,
Para bem de Compadres, e Afilhados;
Mas lá vejo dos astros radiosos
A Jove, que o promette ;
Louvado seja o Ceo, somos ditosos.

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR

D. DIOGO DE NORONHA,

EM VISITA

ACHANDO-SE NAS CALDAS.

NAõ quer, Senhor, a ventura,
Que eu vá inda a vossos pés,
Pois sempre comigo dura
Ha dias tres vezes dez
Estropear-me procura.

Ha males de varios lotes,
E fazem diverso abalo;
A vós daõ-vos outros bótes:
A mim huma chaga, hum cálo,
Naõ fallando nos calótes!

Nem

Nem com bótas, nem çapatos,
Orno as minhas pérnas mancas;
E todo este mez dos gatos,
Tenho levado em tamancas,
Dando as passadas dos patos.

Mas como eu fôra hum grosseiro,
Se naõ fosse entre alvoroço,
A beijar-te a maõ ligeiro,
Já que nas pernas naõ posso,
Vou nas azas do tinteiro.

Ora bem vindo sejais,
E proveitosas vos sejaõ
As nossas aguas termais;
Pois de muitos, que o desejaõ,
Eu devo estimá-lo mais.

C'os outros sou empenhado
Pelo geral da Naçaõ ;
Visto porém d'outro lado,
Na vossa conservaçaõ
Devo ser mais disvelado.

Todos devemos, Senhor;
Que somos bons Lusitanos,
A taõ bom Embaixador
Desejar a conta aos annos,
Pelos que teve Nestor.

Mas eu, que próvo este bem;
Pelo que he feito em geral,
E no privado tambem,
Seria entaõ desigual,
Naõ hindo o desejo além.

Por isso, em quanto naõ m'alço
Deste trabalho, em que estou,
E entrementes naõ me calço,
Sempre a Ti correndo vou
Em verso pobre, e descalço.

Já no passado veraõ,
Quando cá 'steve o Marquez,
Tive huma igual vexaçaõ;
De sórte, que huma só vez
Lhe pude beijar a maõ.

A Deos: rogo a Deos, Noronha,
Que nas aguas, que buscais,
Tamanha virtude ponha,
Que do mal, que sopportais,
Se tornem mortal poçonha.

Isto, que he do coraçaõ,
Que d'ingrato naõ negreja,
Manda pôr na tua maõ,
Co'a frase, com que o deseja
Francisco Manoel Malhaõ.

AO

AO ILL.^MO E EX.^MO SENHOR

MARQUEZ DAS MINAS.

EU li, Marquez, nos Poetas
De respeitoso conceito,
Que a Magestade, e o Amor
Naõ se accommódaõ n'hum leito.

Mas este ditado antigo,
Vejo, que em nós se desmente;
Pois eu conservo-te amor,
E respeito-te igualmente.

Tu tambem d'igual maneira,
Sem quebra em tua grandeza,
Agazalhas amoroso,
De meu merito a escaceza.

He bem verdade, Senhor,
Que naõ póde haver repáro,
Que isto comtigo aconteça,
Pois que em tudo o bom és raro.

Tu és livre de quiméras;
Quem te agrada vai achar,
No centro da Fidalguia
Hum homem particular.

A candura da tua Alma,
Junta ao que tens de nascença,
Entre os Fidalgos do mundo
Daõ-te real differença.

As fallas da tua bocca
Naõ levaõ mescla comsigo ;
O respeito do teu rosto
Naõ disfarça o ser de amigo.

O que sentes lá por dentro,
Apparece cá por fóra ;
E sem trocar os instantes,
E's o mesmo a toda a hora.

De muita gente sei eu,
(Devo seus nomes calar)
Que he d'hum modo ao recolher,
D'outro modo ao levantar.

Tu és como o Sol dourado,
Que limpo na esphéra nasce ;
E vai aos braços de Thetis,
Sem mancha alguma na face.

E se advinhas, e acódes
A' desgraça dos mortais,
Para o amor, e respeito,
O que he que te falta mais?

A' ILL.MA E EX.MA SENHORA D. MARIA DO CARMO HENRIQUES DA MOTA E MELLO.

EM DIA DE ANNOS.

A Brilhante carroça as horas leves
No Horisonte apromptáraõ, vasto, e curvo,
E a rôxa Aurora, derretendo as neves,
Tornou risonho o ar cinzento, e turvo.

Sumio-se a noite escura,
E em mil diversos choros,
O dia saudáraõ
Os pássaros sonóros.

O

O Zefiro de flôr em flôr voando,
Ora séca, ora entórna o fresco orvalho,
Em sôpro manso as folhas encrespando
Do freixo, e robustissimo carvalho.

A fonte clara e fria
Das rochas se pendura;
E sobre a arêa desce
A' sombra da espessura.

Mais bella, mais serena madrugada
Naõ lembra, que viesse á redondeza!
Parece, que em seus risos empenhada,
Se esforçou neste dia a natureza!

O Sol no carro d'ouro
Mais lúcido brilhando,
Os raios vibra alegre
No Téjo claro e brando.

Se estranhos casos,grandes causas pedem,
E sempre do que vemos , e sentimos
Os Decretos , que a nossa mente excedem,
Atrevidos pensamos e inquirimos ;

Ou lá entre as Deidades
Maior prazer s'encerra ,
Ou veio neste Dia
Ventura grande á terra.

Se raios o nascer annunciáraõ ,
De valentes Heróes , na antiga idade,
Se Cometas alguns pronosticáraõ ,
Que foraõ pasmo a toda a humanidade ;

Hum Dia taõ mimoso
Na minha mente augura ,
Que déra alegre berço
A hum'alma doce e pura.

Mas

Mas quanto ás vezes sou desacisado !
Agora me recordo, agora vejo,
Que, junto á Patria minha, se vio nado
Neste Dia, almo ser, que alegra o Téjo.

Nasceo Marilia, aquella
Dos olhos penetrantes,
Encanto, e doce encanto
De amores, e d'amantes.

Aquella, que, se o pejo naõ guardára
Os raios de seus olhos luminosos;
Sem arte no seu carro maneatára
Sequazes da izempçaõ, os mais vaidosos!

Mas tantas graças meigas,
Taõ placida candura,
Escuda co'a virtude
Esta alma doce, e pura.

Amor

Amor se ampára de seu rosto bello,
Para astutas traições; e satisfeito
Já se esconde nos rolos do cabello,
Já se aninha nas roupas, junto ao peito;

D'alli a furto invia
As sétas escolhidas,
Que as almas avassállaõ,
Que pões em risco as vidas.

Entre tanto Marilia, que naõ trata
Dos mimos, que lhe deo a natureza,
E d'enredos amantes se recata,
Tendo em mais a virtude, que a belleza.

Só tem em justo apreço
Os brincos indiffrentes,
Domesticos aninhos,
E amparos d'indigentes.

Nadando na abundancia , naõ s'alteia
C'o faustoso explendor da Corte ufana ;
O pensamento recto naõ enleia
C'o pensamento vaõ , que o mundo engana.

Despida de soberba ,
Illustre , e generosa ,
Nas áras da grandeza ,
Devidos cultos goza.

Vai , minha humilde Cançaõ,
Vai aos Deoses Soberanos ;
Mil vezes lhe pede a volta
Deste Dia de seus Annos.

AO EX.MO E R.MO SENHOR
PRINCIPAL CASTRO.

EM VISITA

DOze vezes tem, Compadre,
A Lua enchido, e vasado,
E humas trezentas e tantas
A Aurora o carro montado,

Des que nas praias do Téjo
As plantas naõ tenho pòsto;
Pois hoje só venho á Corte
Por precisaõ, naõ por gosto.

Naõ quero mais tempo corra,
Sem que me torne mimoso
De beijar-te a maõ sagrada,
A cujo accenõ reposo.

Naõ sei se estás mal, ou bem
Com teu Compadre Malhaõ;
Se mal, para o meu castigo
Me entrego na tua maõ:

Se bem, para ser contente
Com teu rosto respeitoso,
E dar-te noticiae frescas
D'hum Afilhado goloso.

He huma joia a criança!
Tem descripções, e belleza;
Humas, que a gente lhe ensina,
As outras da natureza.

Di-

Dizem lá os sabedores:
» Se o pequeno ávante vai,
» Ha de na idade vindoira
» Ser traste melhor, que o Pai.

Além de ler já por cima
Os escriptos, que lhe daõ,
He hum lince na bilharda,
He huma aguia no piaõ.

Mette a sáque os do seu tempo;
Monta em cavallos de páo;
E estruge as Tias, e a Avó
A toque de berimbáo.

Em tudo tem graça ás pilhas:
E em natural tentaçaõ,
Já me arremeda rosnando
Com seu machete na maõ.

Só me afflige, porque rompe,
Em taõ puerís gravanas,
Botas novas em tres mezes,
Chicos em duas semanas.

Fina-se já pela idade
De vir do Téjo ás Campinas,
A vêr de Lisboa a velha
As enfeitadas ruinas,

Deseja mais a jornada,
A fim da maõ te beijar;
E na tua protecçaõ
Seu destino afiançar.

Pois já, que a sórte lhe deo
Hum Pai de fado mesquinho;
Augura o mudar d'estrella
A' sombra de seu Padrinho.

Será mais, que fórte escura,
Se querem minhas desgraças,
Que fazendo o bem de tantos,
Só deste pobre o naõ faças.

Mas em quanto elle naõ sai,
Vôa o Pai em seu lugar,
Qual ave, aos filhos implumes
O sustento a mendigar.

A nâtureza me dita
'A precisa obrigaçaõ,
De ir por todo o meio justo
Haver-lhe o vestido, e o paõ.

E como naõ póde tudo
Do officio, que tenho, vir;
A Ti, e aos da tua igualha
Naõ me acanho de carpir.

Sei por isto me tem posto
O labeo de pedinchaõ;
Mas antes este, mil vezes!
Que huma só vez de ladraõ!

Antes quero, que me vejaõ
Andar de capote roto;
Antes quero ás vezes fome,
Do qus ser rico, e maroto.

Antes quero, que meus filhos
Andem c'os dedos de fóra;
Que asseados n'hum pontinho,
E a fama da irmã na nóra.

Tu, antes de meu Compadre,
Já meu caridoso amigo,
Stás na posse d'ajudar-me
A vencer o fado imigo.

Naõ

Naõ te peze ; continúa
A repetir-me o favor.
A maior gloria do homem,
He ser d'outros Bemfeitor.

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR

MARQUEZ DAS MINAS.

EM DESPEDIDA.

EIs que chego, Augusto Minas,
A despedir-me de Ti,
Já que na vida primeira,
Para meu mal, te naõ vi.

E se a maõ te naõ beijar,
Resta-me a consolaçaõ,
Que pondo os meios precisos,
Fiz a minha obrigaçaõ.

Naõ se diga, que em minha alma
Se gastaõ tantas mercês,
Quantas essa maõ benigna,
Por tantas vezes me fez.

Deixo o Téjo, e torno aos Campos,
Onde o meu Regaça ruge;
Pois quem da paz tanto gosta,
Da Corte o tumulto fuge.

Com maior razaõ agora,
Quando os fofos capelistas,
Os tendeiros, e os peraltas,
Saõ completos estadistas.

Quando hum mestre de gadelha,
Em quanto aplaina hum topete,
Resolve occultos mysterios
D'intrincado gabinete.

Trago os ouvidos cansados,
Pois já se naõ entra em parte,
Onde os nomes naõ retumbem
De Nelson, e Bonaparte.

Ha dias, n'huma falúa,
Que me foi lançar no Grilo,
Me pintou hum sujo Algarve
O Desembarque do Nilo.

Mesmo as moças de Lisboa,
(Naõ sei de certo se todas)
Fallaõ mais nestes assumptos,
Que nos enfeites, e modas.

Por isso parto enjoado,
A acolher-me ao meu Certaõ,
Onde ralas novidades
De seis em seis mezes vaõ.

Onde sómente se trata,
(Costume, que talvez louves)
De semear trigo, e milho,
De plantar, e sachar couves.

Ao Domingo, aos dias Santos,
A vintem se joga a bola,
Com injuria de espadilha,
De dados, e carambola.

Só lá gostarei saber,
Neste trato pobre, e rude,
Que o Reino tem paz, e nelle
Minas respira em saude.

Estes justos sentimentos,
Que os tempos não mudaráő,
Saő os que leva comsigo
Francisco Manoel Malhaő.

AO ILL.MO SENHOR FRANCISCO JOAQUIM DE SEIXAS VELLASCO.

EM AGRADECIMENTO.

AMigo, quando outro dia,
Por fugir da gana ao chasco,
Sobre a meza, em qu'escrevia,
A hum, e outro Velasco
Consultava, e revolvia;

Veio o meu roto escudeiro,
(Que he quem as novas me traz)
E me disse prezanteiro:
» Stá no Correio hum cartaz,
» Que tem o seu nome inteiro. »

De

Deixei a questaõ no meio,
Puz o Reynicula á parte,
E á gaveta, meu esteio,
Pedi com geito, e com arte,
Com que mandar ao Correio.

Foi, e voltou diligente,
E huma carta volumosa
Me aprezentou reverente,
Que logo me foi gostoza,
Por ter teu nome na frente.

Entaõ vaidoso, e activo,
Ao tal moço disse absorto:
» Temos mais alto motivo:
» Vá-se esse Velasco morto,
» Leamos Velasco vivo. »

Sim, Senhor, rompi a obreia,
Alvoroçado, e contente;
Vi favores á maõ cheia;
Mas da tua maõ sómente,
Posta, em papeis, letra e meia.

Achei o modo elegante,
Pois sabes, que reconheço
Pelos dedos o Gigante;
E ao pouco que eu te mereço,
Inda foi mais que bastante.

Pedi-te, achei-me servido;
Que mais podia eu querer?
Mas se pequei de attrevido,
Devo o perdaõ merecer,
Com provas de agradecido.

Mas que hei de eu dizer, Senhor?
Por onde entrarei primeiro?
Tratar-me-haõ de adulador?
Notar-me-haõ de lisongeiro,
Se eu fallar em teu louvor?

Quando a tua alma á Razaõ
Taõ franca, e taõ justa cede,
Que com rara promptidaõ,
Faz a mercê, que lhe pede
Hum choquento pobertaõ?

No mais rombo, e duro casco
Naõ póde haver pensamento,
Que me servisses Velasco,
Por interesse sedento,
Que eu em loiras naõ me atasco.

Servistes-me ; condoído
Da Viuva em desamparo ;
Fizeste hum favor pidido
Por mim , por hum modo raro ,
E por ser compadecido.

Aqui naõ ha , que se opponha :
Nesta acçaõ , comigo usada ,
Quem ha de deitar poçonha ?
Acaso foi supplicada
Pela casa de Borgonha ?

Foi por hum pobre Poeta ,
Que , ha dois dias , no Mondego
Metido em rota baeta ,
Chorava , como hum Morcego
A sua ventura preta :

Agora feito Letrado,
Apenas pilha, sómente
Com que mastigue hum bocado
De pam, hum dia contente,
Outro dia amargurado.

Costumado fico a ver
Em Ti, o que nega o mundo;
Mas tambem começo a crer,
Que mercê, com este fundo,
He rara de se fazer.

Só se fôr huma, que intento
Dever inda ao teu favor;
E por naõ ser rabugento,
Deixa estar; quando lá for,
Direi o meu pensamento.

AO ILL.MO SENHOR MAXIMIANO ESTEVAÕ DE CARVALHO, CAPITAÕ-MOR DE MAFRA.

EM DESCULPA DE HUMA FALTA.

AMigo Carvalho,
O triste Malhaõ
Vai dar-te a razaõ,
Da falta que fez.

He certo, naõ nega,
Que foi à promessa,
Voltar lá de pressa
A ver-te outra vez.

Mar

Mas que? a disgraça,
Meu Maximo amigo,
Dá sempre comigo
De mal em peór.

Saltou-me no corpo,
Na outra semana,
Sarna Castelhana,
Ou mais suprior.

Fiquei-me por isso
Na minha gaiola,
Tocando viola,
Ou arpa de pelle;

Aquelle descanço
Que eu tinha ate'qui,
Cossando o perdi:
Naõ ha fumos delle.

Eu passo arranhando
O corpo estendido,
Na cama metido
As horas minguadas.

A pelle a pedaços,
Se quer despegar;
E estaõ de cossar
As unhas cansadas.

Se estou, como digo,
Dirás, como queres,
Que busque os prazeres,
Sobejos nos mais?

Naõ he de razaõ,
Que o teu apozento
Perturbe hum sarnento,
C'o som de seus ais.

Amigo, eu to rogo:
Tu pódes, e queres;
Disfruta os prazeres,
Que assim fazes bem.

Co' a Mana passea
De noite, e de dia;
Ao lado da Thia
Folgando tambem.

Eu quando m' achar
Melhor deste mal,
Quejando, que tal
O hei de fazer.

Agora naõ posso,
Que a sarna inclemente
Me deixa sómente
Cossar, e gemer.

A O SENHOR
JOSE' CORREA DE FARIA,

PASSANDO DE BACHAREL EM LEIS A ALFERES DE HUM REGIMENTO D'ELVAS.

CA' neste canto da terra,
Qual hum Nazaõ entre os Getas,
Onde só, por tradiçaõ,
Ouço o que vai nas Gazetas;

Chegou ás minhas orelhas,
Que, apostatando em Direito,
Cingistes a espada á cinta,
E d'aço forrastes o peito.

E's

E's hum dos Varoens, que o tempo
Muito raras vezes traz;
Pois serves na Guerra á Patria,
Sustentas as Leys na paz.

Nunca de ti julguei menos,
Pois, meu amigo, a tua alma,
Nem o chumbo lhe dá frio,
Nem a prata lhe faz calma.

E se nos Livros de Marte
Foste o teu nome lançar,
Por dignamente os Loureiros,
Co'as Olivas enlaçar;

Se tu cobriste c'o a farda
O corpo amoldado á toga,
Destinado á paz, e á guerra,
Segundo o tempo que voga;

Dou-

Dou-te em Letrado hum conselho;
E quero em resulta delle,
Que te ensópes em triumphos,
Mas com cuidado na pelle.

Pois quando a Patria precisa
De quem a vá defender,
Por isso mesmo he preciso
Pôr cuidado em naõ morrer.

Mas quando queira o destino
Dar-te essa hora mal fadada;
E o testamento escreveres,
Sobre a bainha da espada,

Naõ te esqueças, velho amigo,
De firmar co'a propria maõ,
» Que deixas os teus Serviços
» Para o filho do Malhaõ. »

CANTATA.

INgrata linda, e bella,
Anfriza branca, e loira,
Composto, que enthezoira,
Quanto ha que desejar!

Por ti á calma ardente,
Por ti sem medo a frios,
Nas motas destes rios
Queixumes deito ao ar:
E tu sem querer
Meus ais escutar!

Por

Por ti, a tempo azado,
Regendo o curvo ferro,
No rego o trigo entérro,
E a tempo o vou cegar;

Nos vales deleitosos,
Nas altas penedias,
Do gado engordo as crias,
A fim de t'as levar;
E tu sem querer
Meus dons acceitar!

✵

Por ti, o vago enxame
Disponho em campo aberto;
Por ti, a fructa enxerto,
Mais grata ao paladar.

E disto, que assim faço,
Hei tal consolaçaõ,
Que sinto o coraçaõ
No peito baquear.
E tu, sem de grata
Huns vizos me dar.

❊

Por ti, como tu sabes,
Sem hora de socego,
Na serra, vale, e pego
Meus dias vou passar;

A caça mais gostoza
Por ti nos montes canço,
Das ondas no remanço
Os peixes vou fisgar:
E tu sem querer
Meu zelo pagar.

As flores, no mez lindo,
Em farto ramalhete,
Que adorne o teu topete
Nos prados vou cortar:

Nas balsas, nas florestas
Te apanho os passarinhos,
Que implumes em seus ninhos,
Aos pés te vou lançar:
E tu nem lhe queres
A vista deitar.

Anfriza, bella ingrata,
Repara, que a dureza,
A mestra natureza
Ensina a detestar:

As aves do Ceo franco,
Os peixes do Occeano,
O mesmo tigre hircano,
Sugeitos saõ a amar:
E tu sem querer
Exemplos tomar.

Pois já que mal aceite
He tudo quanto faço,
Naõ quero mais hum paço
Por teu respeito dar:

Terei por lenetivo,
Na minha desventura,
Hir esta mágoa dura
Lá longe prantear.
Lá onde naõ possas
Meus ais escutar.

Já tenho de semente
Deitado á terra hum moio,
E naõ me dá, que em joio
Se venha a transformar:

Trez duzias de cordeiros
Contei, e brancos muntos;
Que morraõ todos juntos,
Bem pouco me ha de dar;
Pois só para ti
Os hia guardar.

Lá sobre erguidos montes
Ao ver a nossa aldeia,
Com pranto a terra alheia,
Por ti hirei regar:

Se disto satisfeita
'Ainda naõ ficares,
Lá onde tu mandares
A vida hirei passar,
A ver se com isto
Te posso obrigar.

Mas ah! que vãa discorre
'A louca fantazia?
Sem ti, quem póde hum dia
No mundo respirar?

Pois antes a saudade
Me renda o fraco alento,
Acabe o meu tormento
O tempo, que restar.
E vá o meu mal
Meu bem alegrar.

Hum dia virá inda,
Que tu arrependida,
A minha extincta vida
Pertendas recobrar:

Mas tarde o desengano
Terás, ó peito esquivo;
E a quem deixastes vivo,
Virás, já morto, a amar.
Decide, que he tempo,
Meu gosto, ou pezar.

RAZÕES
DE ENGANO AMOROSO.

DEixa lisonjas, Amor,
Eu sei, que Marcia formosa,
Se m'ouve rizonha em verso,
Sizuda me escuta em proza.

Naõ he d'agora, d'ha muito
Sou alvo de seus favores,
Com inveja atraiçoada
De malignos pensadores.

Mas estes favores nascem
D'hum liberal coraçaõ;
E o que alguns amor presumem,
Naõ passa de compaixaõ.

Naõ sou com tudo taõ santo,
Nem de respeito taõ lizo,
Que ás vezes, pondo-lhe os olhos,
Naõ me adoça o juizo!

Seus fluctuantes cabelos,
Seu collo de neve pura,
A' gratidaõ, que lhe devo,
Ajuntaõ meiga ternura.

Quando se ri de meus versos,
E os applaude em meu favor,
Encanta-me mais seu riso,
Que a vaidade do Louvor.

Mas que approveita, se vejo,
Que hum bem de tanta grandeza,
Amortece as esperanças
N'huma alma d'amor acceza?

Fôra loucura, sem lenho
Hir alto pego sondar;
Loucura fôra querer,
Sem azas ao Ceo voar.

Tambem chamára loucura
Imaginar, que em seus braços,
Refinasse a protecçaõ
Co'a gloria d'alguns abraços.

As Cysnes adoraõ Cysnes,
As Leôas os Leões,
As Tigres procuraõ Tigres,
Pelos medonhos Certões.

Mas huma Ninfa, que tem
Os cultos de Divindade,
Havia amar hum pastor
De taõ baixa qualidade?

Eu bem sei, que Adonis tinha
Exercicio de pastor,
E que morria por elle
De amores, a Mãi de Amor.

Ouvi tambem, que descia
Dos Ceos á terra Diana,
Endamiaõ procurando
Ou no bosque, ou na cabana.

Mas estes dois eraõ belos,
E eu vejo, por meu tormento,
Que em quatro versos se encerra
Todo o meu merecimento.

Bem sei, que versos poderaõ
Duras penhas commover;
E aos mesmos atormentados
Os tormentos suspender.

Mas foi nesse tempo d'oiro,
Quando tu, Deos dos farpões,
De teu arco os despedias,
Sem distinguir condições.

Foi quando esse Rei da Persia,
Que meio mundo domava,
Prostrou coraçaõ, e Sceptro
Aos pés d'uma linda escrava.

Foi no tempo, em que o valente
Conquistador do Hidaspe,
Teve os triumphos em menos,
Que a beleza de Campaspe.

Mas com o volver dos annos,
O mundo se tem mudado;
E o que d'antes foi louvavel,
Hoje he vicio censurado.

As-

Assim, Amor, naõ me guies
Por taõ sublime vareda;
Pois sempre d'attrevimentos
O premio foi huma queda.

Naõ nego com tudo, Amor,
Que eu adoro a Marcia bella;
E se esta paixaõ se perde,
Naõ he por mim, he por ella.

ESTADO
DE AUSENTE.

AQui longe d'Amarilis,
Nestas Campinas amenas,
Quero encobrir minhas penas,
E entaõ as descubro mais:

Se o rosto affecto contente
Dos outros acautelado,
N'hum momento descuidado
Me accusaõ meus roucos ais:

De balde intento,
Marilis bella,
Achar cautela
Na minha dor:

S'ou-

S'outra amargura
Póde occultar-se,
Naõ tem disfarse,
Quem sente amor.

Rio ás vezes, brinco ás vezes,
Por mostrar-me livre, e isempto;
E naõ passa de tormento
O meu brincar, e o meu rir.

Vê-se alegria affectada
Girar a furto no rosto,
Para abafar o disgosto,
Que quer dos olhos sahir.

De balde a idéa
Nisto se cança:
Nesta mudança
Faço peor:

Pois quando canta,
Mais penas sente,
Quem vive ausente
Do seu amor.

A sombra dos arvoredos,
O verde tapiz dos montes,
O brando rugir das fontes,
Nenhum alívio me daõ.

Pois sem ver teu rosto bello;
Quanto aos olhos se apresenta,
Em vez de alegrar-me, me augmenta
Minha dor, minha afflicçaõ.

Vales, e bosques,
Rios correntes,
Aos descontentes
Dobraõ a dor.

Vê-

Vê-los, que importa,
Se quando os vejo,
Só ver desejo
O meu amor.

Satisfeitos noto os mais,
Cheios de doce alegria,
O nascer do claro dia
Gostosamente espreitar.

Eu entaõ, desqu'elle nasce,
Thé que venha a noite escura,
N'huma contínua amargura
As horas sinto passar.

Que importa a Lua,
Que faz a Aurora,
Sem huma hora
Livre de dor?

Sempre a alegria
Chegar recea
A quem prantéa
Por seu amor.

O' quantas vezes levanto
Ao Ceo os olhos chorosos,
E meus suspiros queixosos
Aos ares faço voar!

Mas que vale, se naõ posso,
Por mais, que me canse afflicto,
Achar, em tantos hum grito
Que a teus ouvidos vá dar!

A's vozes tristes
Do meu lamento,
O proprio vento
Se vem oppôr:

Seu

Seu rijo sôpro
Impio vigora
Contra quem chora
Por seu amor.

Apenas, meu bem, a vida,
Que á morte os passos avança,
Sustento só da 'sperança
De inda poder-te avistar:

Entaõ, sem mudo disfarce,
E co' a alegria no rosto,
De meu contínuo disgosto
Hirei o premio gozar.

Taboa dos tristes
E's esperança,
Trazes bonança
No mal maior;

Traze-me o premio,
Por que suspiro,
Neste retiro
Do meu amor.

O AMOR,

E O

DESENGANO.

HUm paiz ameno, alegre,
Farto de plantas, e flores,
Diversas nas folhas verdes,
E varias nas suas côres:

Riscado na fantasia,
Só rica em sonhos fagueiros,
Gozei minha ingrata Alcina,
Por instantes lisongeiros.

Nos Elisios deleitosos,
Dos vates exagerados,
Naõ disfructavaõ os justos
Campos taõ aventurados.

Entre estas cousas, achei
Huma estranha variedade,
Que era, em negocios d'Amor,
Fallarem todos verdade.

Davaõ mil picoínhas,
Pois naõ ha, sem zelo, amor!
Mas ouviaõ-se por gosto,
Sem mudar-se ao rosto a côr.

De verdes, varias colinas
Se erguia hum monte no centro,
Cuja fronte penhascosa
Hia pelas nuvens dentro.

No

No declivoso da rampa
Hum olho de agua nascia ,
Que enchendo hum lago espaçoso ,
Delle , em dois rios , sahia.

Hum , em gritos tortuosos ,
Cahia pelo Oriente :
A limfa baça , azedada ,
O tacto molle , mas quente.

O outro , á parte do Norte ,
As correntes dirigia ;
Sua agua clara , gostosa ,
No tacto energica , e fria.

He cousa que pasma ! achar-se
Taõ diverso sentimento ,
Em dois rios , que derivaõ
De huma fonte o nascimento !

Naõ espanta menos ver-se,
Que quem bebe no Oriente,
Lhe trunca a falla, e logo seu peito
Se abraza n'hum fogo ardente.

Tambem he raro saber-se,
Que bebendo, ao Norte, a fria,
Sára de todo do mal,
Que a outra agua lhe fazia.

Mas quem naõ vê Amor n'huma,
E na outra o desengano!
Hum fazendo tanto estrago,
Outro curando este damno!

AO DIA
DO MEU CASAMENTO.

QUADRA.

O melhor dia, que eu tive,
Foi o do meu casamento;
Naõ espero ter igual,
Thé subir ao firmamento.

GLOSA.

I.

DEpois que no rol dos vivos
O meu assento se abrio,
Sobre o meu berço influio
A luz dos astros esquivos:
Sem pesquizar os motivos,
Porque em desgraça se vive,
E menos porque se prive
A qualquer do bem dos mais,
Só busco em dias fatais
O melhor dia, que eu tive.

II.

Presumiráõ, que este fôra
O da matricula minha,
Meio, que só me convinha
A' vida, que tenho agora?
Ou esse, em que eu me vi fôra
Do Téjo entre lodo, e vento?
Ou quando ao tiro violento
Neguei completa victoria?
Nada: o dia d'alta gloria,
Foi o do meu casamento.

III.

Dia de amor, e ternura,
Que em premio do mal passado,
Me deixaste encalentado
No regaço da ventura!
Dia de immensa doçura
Dos dias d'oiro rival!
Medicina do meu mal,
De ti me deixa lembrar,
Já que em quanto respirar
Naõ espero ter igual.

IV.

Em quanto da vida escaça
O ar corrupto beber,
Tua lembrança ha de ser
Remedio á minha desgraça:
Se o tempo o ferro adelgaça,
Com giro tardio, e lento,
Nunca o mudo esquecimento
Ergüerá na maõ a palma
De riscar-te da minha alma,
Thé subir ao firmamento.

NOS ANNOS
DE
MINHA MULHER.

NAõ das rosas, que nascêraõ
Do sangue da Deosa bella,
Desejo formar-te agora
A rescendente capella.

Naõ apeteço de Paphos
Os verdes mirthos cegar,
Para, á sombra destes bosques,
Hum fofo berço te armar.

Honre-se Venus em Chipre,
Com varias plantas, e flores,
Que a seu culto consagráraõ
Os fabulosos Cantores.

Sejaõ as rosas, e os mirthos
Dignos de Venus Divina,
Eu tenho brinde mais digno
Da minha amavel Jozina.

Inda, ha pouco, o Deos menino,
Co' a maõ fagueira me dava,
Huma grinalda de cravos,
Que para ti destinava.

Naõ lha quiz, porque os teus annos,
Já naõ precisaõ de flores,
Tu amas sómente o fructo
Dos nossos ternos amores.

Outros mimos, outras prendas
Indifferentes nos saõ;
Minha prenda he a tua alma,
A tua, o meu coraçaõ.

AO DIA DE ANNOS

DA

ILL.MA E EX.MA SENHORA

MARQUEZA DO LOURIÇAL.

JA' que eu, nos Annos da May,
Naõ pude as cordas pulsar,
Devo, nos Annos da Filha,
De loiro a Lyra enramar.

Senhora, em chamar-vos Filha,
Naõ fiz offensa á verdade;
Pois sempre a mulher d'hum filho,
Está na mesma igualdade.

E se a quatro de Novembro
Eu naõ fiz os meus deveres,
A vinte e dois de Dezembro,
Franqueio o peito aos prazeres.

Traze, ó Damitas, a Lyra;
Entorna o Doiro nas taças;
Invoquemos o Deos loiro,
Desça Amor, a May, e as Graças.

Estalem-se as outras cordas:
Soem no meu alaude,
Huma, que louva a beleza,
Outra, que exalta a virtude!

Salve dia venturoso!
Marcado, com letras d'oiro,
Naquelle azulado espaço,
Que circunda Phebo loiro.

Em ti, dando gloria ao Tejo,
Enchendo os Pais de ventura,
Nasceu Marcia, e nella o pejo,
Abraçado á formosura!

Todos os Deoses do Olimpo,
Da terra, e mar influíraõ!
E de seus dons peregrinos
Com seu rosto repartíraõ.

Do carro, em que naõ descança,
O Numen, que doira o Ceo,
Em nitidos fios d'oiro,
Seus cabelos converteo.

Seus olhos abrio; seus olhos,
Quaes estrelas rutiláraõ!
E huma luz modesta, e pura,
Em torno ao berço espalháraõ.

Os ministros do Deos cego,
Seu fofo berço movêraõ;
E a figura de seus arcos,
Sobre seus olhos pózeraõ.

As Graças, como embebidas
No mimo de seu composto,
Osculando-o lhe pozeraõ
Graças mil, no belo rosto.

Vagio a Marqueza, e logo
Dividindo o ar sutil,
Vieraõ, render-lhe as settas,
Vencidos Amores mil.

Em tanto, pizando espumas,
Andava a Deosa do mar,
Alvas perlas escolhendo
Para seus dentes formar.

Sobre tantas perfeiçoens,
Lançou Juno hum rizo honesto;
Amor poz-lhe hum fogo activo;
Diana cuidou do resto.

Só Venus, ao ver seus olhos,
Mostrou azedume em velos;
Taes brilhaõ seus olhos lindos,
Que a Deosa, deles tem zelos!

Salve Dia venturoso;
Tiveste a benigna estrela,
De ser o dia dos Annos
Da Creatura mais bela!

Mas, ah Pastores do Tejo!
Mais alto Coturno calsa
O numero das Virtudes,
Com que se adorna, e realsa!

A' proporçaõ, que seus dias
Crescer seus Annos fizeraõ,
Tanto a beleza cresceu,
Quanto as Virtudes cresceraõ.

A sua trança anelada,
Com que brinca o vento ufano,
Naõ empresta os aureos fios,
Para as redes de Vulcano.

Os arcos, dos lindos olhos,
Naõ soltaõ desses farpoens,
Que andaõ, girando nos ares,
A' caça de coraçoens!

Os seus olhos exprecivos,
Co' pejo honesto bemquistos,
Olhaõ sempre indifferentes,
Sem pôr estudo em ser vistos.

As suas faces mimosas,
Quando accendem mais a cor,
Naõ he por outro accidente,
Que naõ seja o do pudor!

Quando se movem seus labios,
Suas falas de doçura,
Contém sentimentos justos,
Numa fraze liza, e pura.

Nem soberba, nem vaidade,
Tem tido poder com Ella;
Podiaõ tantas Virtudes
Achar morada mais bela?

Salve dia venturoso,
Nesta, e fucturas idades,
Nasceu em ti, quem unio,
Em si tantas qualidades.

ANACREONTICAS.

I.ª

AQuelle quadro que vemos,
Nos mostra Venus despida,
Num lago da fresca Paphos,
Thé á situra metida.

Ali as Graças a cercaõ,
Da mesma fórma banhadas;
E, ás mãos, as aguas espalhaõ,
Por suas costas nevadas.

Ella apparece no meio
Das suas serventes belas,
Qual a Aurora, quando nasce,
Afugentando as estrelas.

O tenro, gentil mancebo,
Que em toda a parte a acompanha,
Voando, á roda do lago,
Mirtos, e rosas apanha.

Se este divino pincel,
A' verdade naõ cresceu,
Como tentáraõ as Deosas,
A demanda em qu'as venceu?

Que fez Páris em julgar-lhe
Aquelle pomo dourado?
Se elle era da mais formosa,
A quem devia ser dado?

Mas este rizoso exemplo,
Aos humanos persuade,
Que em tal sexo athé nos Ceos
Tem seu imperio a Vaidade.

❋

II.ª

ENntrou Cupido na choça
De Alcimedonte ; e o pastor
Naõ cabia em si de gosto ,
Por ter por hospede a Amor.

Queimou alecrim fragrante ,
Com varias plantas cheirosas ;
E alcatifou a cabana
Com frescas folhas de rosas.

N'uma antiga porsolana ,
Que de seu Pay lhe ficára ,
E que ao som da frauta agreste ,
Em desafio ganhára ;

Lhe pôs, em rustica meza,
Quatro favos de mel loiro,
Donde, ao vivo, parecia
Sair derretido o oiro.

Tocou-lhe Amor, e o dedo,
Que delle untado ficou,
Talvez com fim de alimpalo,
A' bocca rubra o levou.

Escusou-se de comelo,
E o pastor tanto o pedio,
Que importunado dos rogos,
Poz-se nas azas, fugio.

Mas vede o que saõ meninos!
Naõ quiz o mimo aceitar,
E foi-se depois por elle
Huma culmea buscar.

Co'aguda ponta da ſeta
Hum dos cortiços rompeu,
Em modo, que a maõ nevada
Pelo buraco meteu.

Eis que as abelhas zunindo,
Tanto a maõ lhe espicaſſáraõ,
Que a fugir, soltando gritos,
O triste Amor obrigáraõ.

O pastor, que posto á porta
Observava a travessura,
Foi valer-lhe; e foi cantado,
Em quanto durou a cura:

Soberbo, choras agora
O fel do bico inimigo!
Aconteceu-te com ellas,
O que a nós outros comtigo!

✵

III.ª

NOs frescos jardins de Paphos,
Havia certa roseira,
Que era o encanto, o feitiço
Da formosa Jardineira.

O seu verde era mais fixo,
Mais rubras as suas flores,
E só dellas se toucavaõ
As tres Graças, e os Amores.

As alvas pombas da Deosa,
Mal que do carro as soltavaõ,
Atraídas de seu cheiro,
Nas verdes ásteas pousavaõ.

Quan-

Quanto pôde a raiva antiga!
Teve Juno a crueldade,
De exercer na humilde planta,
De seu peito a crueldade!

N'uma só noite, ó milagre,
Da vingança, e do poder!
Vio-se a frondosa roseira,
Folhas, e flores perder.

Chorais, Amores? calai-vos:
Calai-vos, Graças mimosas:
Ide ás faces de Amarilis,
Colhereis mais vivas rosas.

✵

IV.ª

IV.ª

EU pensei, que Amor sómente
Entrava em sublimes peitos,
E que os pequenos deichava
A seus Ministros sugeitos.

Desenganei-me de todo;
Pois, tratando-se d'Amor,
Ricos, pobres, ſabios, tontos
Saõ todos da mesma cor.

Iguala o rapaz travesso,
No golpe dos seus farpões,
Tanto as almas elevadas,
Quanto humildes corações.

Os ais que por elle sólta,
O soberbo, o máo, e o bom,
O velho, o moço, e o menino,
Saõ todos no mesmo tom!

O Sabio, quando se explica,
Repassado da paichaõ,
Naõ diz mais, sendo eloquente,
Que diz, rugindo hum leaõ.

Sentilo, he de todo o vivo;
Disfarçalo, he fortaleza:
Mas de todo abandonalo,
He dar chasco á natureza.

A' AVAREZA EM LIENO.

NAscestes Lieno,
Co'as unhas fincadas,
Nas palmas mirradas,
Das mãos pequeninas.

Teu pai, lá nas minas
Do rico Brazil,
Em trato servil,
Dinheiro forrou:

A ti o deichou,
(Herdeiro forçado)
Mas como enterrado,
Qual elle o queria.

Da terra, que o cria,
O oiro extorquio,
E nelle imprimio
Os bustos, e a cruz;

O Sol, que o produz,
Com tanto disvelo,
Naõ póde mais velo
Depois que o pilhou.

Na burra o lançou;
E além do ferrolho,
Foi guarda o seu olho
D'Inverno, e Veraõ.

Ficou-se, co'a maõ
Na chave agarrada,
E a cara voltada
Ao sitio em que o tinha;

Na casa mesquinha,
Com tanto dinheiro !
Soltaste hum berreiro
Por gastos do enterro.

E quando o desterro
Julgava acabado ,
Ao oiro , coitado !
Os ferros dobraste !

Nem barbaro ousaste
Seu carcere abrir ,
Temendo fugir
Da rija masmorra.

Que importa o pai morra ,
Se tu , meu Lieno ,
Com ser mais pequeno,
E's nisto maior !

O velho era dôr
Andar mal vestido,
E sempre comido
Nas leis do jeju!

Mais dó fazes tu,
Co' as carnes á véla,
E a pobre goéla,
Com musgo, e bolor!

Com novo suor,
Taõ mal empregado!
Já tens ajuntado
Dinheiro, a dinheiro!

Mas dize, sendeiro,
Que val ajuntálo,
Se vás encerrálo
Na mesma cafua?

Se a carne anda nua,
Se a cama naõ presta,
Se ao dente naõ resta
Mais que alhos, e paõ;

Por lei da razaõ,
'A tua riqueza
He como a pobreza
De hum triste mendigo.

De ti inimigo,
No teu apozento,
Estás no tormento
De Tantalo Rei!

Dos Deoses por lei,
N'um rio encravado,
'Stá d'aguas cercado,
Que aos beiços lhe vaõ.

Por cima lhe estaõ
Os pomos a dàr;
E ao ilos buscar,
Lhe fogem da maõ.

Nem aguas lhe vaõ
A' bôcca anciosa,
Nem fruta gostosa
Lhe estala no dente.

Tu és hum parente
D'hum tal condemnado,
Pois sendo abastado,
De nada te serves!

Só misero ferves,
Na suja avareza,
De ter mais riqueza;
Porém, para que?

S' és, como se vê,
De tanto dinheiro
Fiel thesoureiro,
Sem uso nenhum!

Sardinhas, atum,
Cebolas, e alhos,
E paõ de esfregalhos
Só sabes comer!

Já mais pude ver,
Por tua desgraça,
No assougue, ou na praça
Teu servo comprando.

Tu sempre ajuntando,
A' força de usuras;
E o bem que figuras,
Se perde no ar!

Podia fixar
O douto Alciáto;
Em ti o retrato,
D'aquelle jumento;

Que fino alimento
'A's costas levando,
Estava màscando
Os cardos, e o tojo.

Tomastes entojo
'A' boa comida;
Só queres na vida
Nadar em dinheiro!

Naõ hes o primeiro:
Já tens por herança,
Os gritos da pança,
O pranto da fome.

Emenda-te ó home,
De tal mesquinhês,
E quando naõ dês,
Mastiga sequer.

Escolhe mulher,
Hum filho trasteja,
Que herdeiro te seja
E fique por ti.

Diverte-te, ri,
Dá uso a teus bens;
O muito que tens
Naõ gastas já agora.

Tu vás de hora em hora
A' morte chegando,
E sempre ajuntando
Porque? para quem?

Já vistes alguem,
Com seu cabedal,
Comprar o fatal
Instante da morte?

Procura outro norte;
Que assim vás errado;
E d'oiro cercado,
Hes mais doque pobre!

Que importa se dobre
A burra que tens,
Se quatro vintens
Naõ sabes gastar?

Naõ posso chamar
A algum opolento,
Se o vejo sebento,
E muito esgalgado.

Hes mais desgraçado
Na tua riqueza ,
Doque eu na pobreza ,
Que o Ceo me destina.

A provida china ,
Que ás vezes possùo ,
Fiel distribuo
No que acho preciso.

O ventre anda liso ,
O corpo vestido ,
Em paz o sentido ,
Sem medo a ladrões.

E tu , com milhões !
Estás lazarento ,
Trombudo , choquento ,
Em mil embaraços !

Da morte nos braços
Te vemos cahir,
E sempre a carpir,
Por mais cabedal.

Pegou-se-te o mal
D'hydropico triste,
A quem sempre assiste
A sede cruel.

Se bebe hum pixel;
Dobrado o deseja,
Mas sem que se veja
Da sede curado.

Lieno, coitado!
Cá deixas a burra,
Que herdeiro caturra
Fará galopar!

Em cães de filar,
Cavalos, volantes,
E seges farfantes
Se irá despender!

Etu, póde ser,
Que dando-te a perros,
Estejas aos berros
Nas chammas a arder.

FIM.